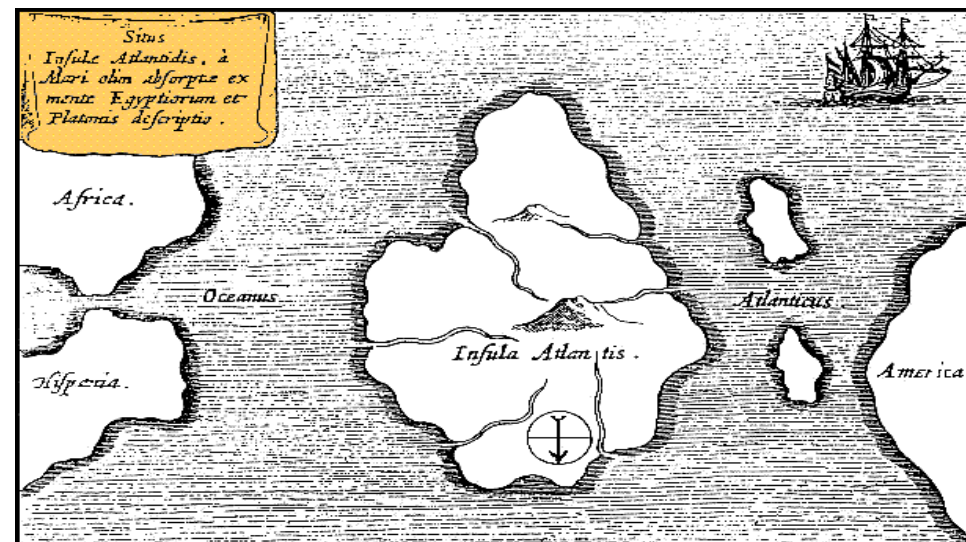


# CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

## REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO Nº 16 - edição setembro 2012

DEDICADO A NORBERTO ÁVILA



CADERNO Nº 16 - edição setembro 2012

DEDICADO A NORBERTO ÁVILA

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL-Colóquios da Lusofonia  
HELENA Chrystello EDITOU ESTE NÚMERO)  
Coordenação Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



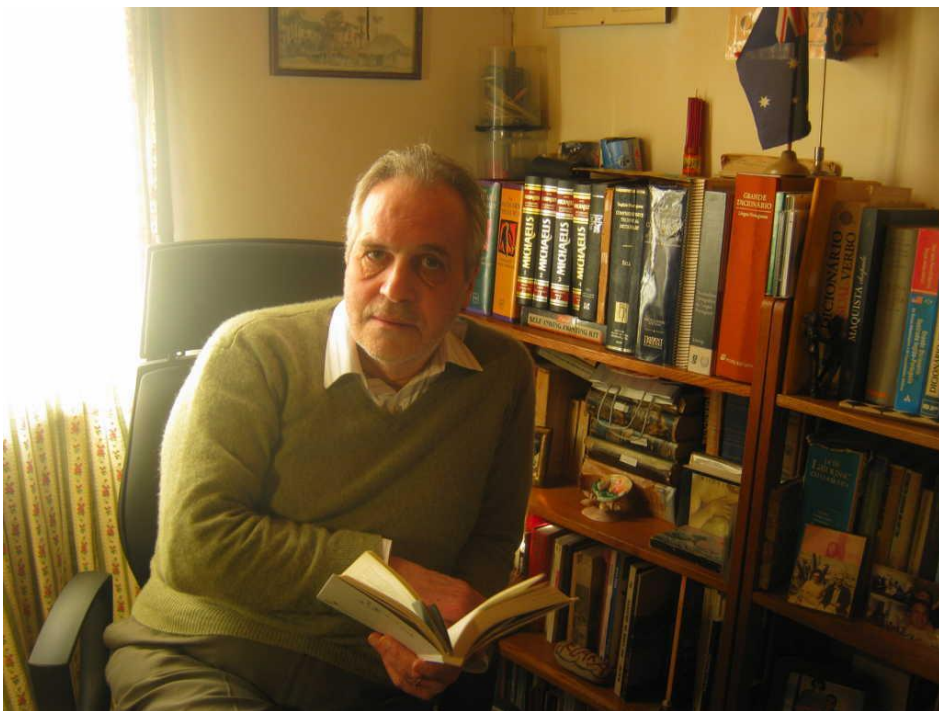
© TM ®

Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA - **revisto janeiro de 22**

**Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115**



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRYSTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores<sup>1</sup> e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL ([www.lusofonias.net](http://www.lusofonias.net)) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

Em janeiro 2010, brotaram estes despreziosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA**, **servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos** que a AICL começou a publicar a partir de então.

Os **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** são uma **publicação trimestral** que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino **“9 ilhas, 9 escritoras”**. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana *«enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência»*.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...*“assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental”*.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, *“a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”*.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiossincrasias:

— *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*

— *O dos insularizados ou «ilhanizados»<sup>2</sup>, e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*

<sup>1</sup> Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

<sup>2</sup> adotando a designação feliz utilizada por Álvaro Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro “CHRÓNICAÇORES (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos e a ser publicada em 2017. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Aqui se publicaram autores contemporâneos presentes nos colóquios: Onésimo T. Almeida, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Caetano Valadão Serpa, Eduíno de Jesus, Urbano Bettencourt e Eduardo Bettencourt Pinto, além de nomes incontornáveis como Álamo de Oliveira, Fernando Aires, Mário Machado Fraião, Emanuel Félix, Maria de Fátima Borges, Marcolino Candeias **e hoje NORBERTO ÁVILA.**



NORBERTO ÁVILA nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de setembro de 1936. De 1963 a 1965 frequentou, em Paris, a *Universidade do Teatro das Nações*. Criou e dirigiu a revista *Teatro em Movimento* (Lisboa, 1973-75).

Chefiou, durante 4 anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em 1978, a fim de dedicar-se mais intensamente ao seu trabalho de dramaturgo. Traduziu obras de Jan Kott, Shakespeare, Tennessee Williams, Arthur Miller, Audiberti, Husson, Schiller, Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, Zorrilla e Liliane Wouters.

Dirigiu para a RTP (1º Canal), a partir de novembro de 1981, uma série de programas quinzenais dedicados à atividade teatral portuguesa, com o título de *Fila 1*.

As obras dramáticas de Norberto Ávila, maioritariamente reunidas na coletânea *Algum Teatro* (20 peças em 4 volumes, Imprensa Nacional - Casa da Moeda) têm sido representadas em diversos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Eslovénia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Roménia, Sérvia e Suíça.

[www.norberto-avila.eu](http://www.norberto-avila.eu) / [WWW.pt.wikipedia.org/wiki/Norberto\\_Ávila](http://WWW.pt.wikipedia.org/wiki/Norberto_Ávila)  
[oficinadescrita@gmail.com](mailto:oficinadescrita@gmail.com)



*"Pela diversidade e riqueza dos temas dramatizados, pela variedade e adequação dos modelos estruturantes, pelo saber oficial, pela capacidade inventiva do jogo cénico, pela sábia dosagem do real e do fantástico, do humor e da emoção, do erudito e do popular, e pela articulação perfeita de tudo isto, a obra de Norberto Ávila, já internacionalmente consagrada, ocupa um lugar ímpar no quadro da dramaturgia portuguesa contemporânea."*

LUIZ FRANCISCO REBELLO





## OBRAS DO AUTOR

- . (1960). “A Descida aos Infernos”. Farsa dramática em dois atos. *Separata da Revista Rumo*. Lisboa.
- . (1960). *O Homem que Caminhava sobre as Ondas*. Peça em 3 atos que marca estreia absoluta do dramaturgo Sociedade Dramática Eborense. Évora, ed. autor. Lisboa.
- . (1962) *O Labirinto*, inédito
- . (1962). *O Servidor da Humanidade*. Peça em 1 ato. Prémio Manuscritos de Teatro. Estreia do autor por uma companhia profissional: Teatro Popular de Lisboa. Estufa Fria. Lisboa, ed. Panorama.
- . (1965). *A Pulga*, inédito
- . (1965). *A Ilha do Rei Sono*. Estreada em Paris em (1965); representada também em vários teatros portugueses e alemães.
- . (1965). *Magnífico 1*, inédito
- . (1966). *As Histórias de Hakim*, 4 edições em Portugal e 4 na Alemanha. Obra representada em muitas dezenas de teatros de Portugal, Alemanha, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia e Suíça
- . (1966). *A Descida aos Infernos*. Farsa dramática em dois atos. Peça estreada pela RTP
- . (1968). *As Histórias de Hakim*. Peça em 3 atos. 4 edições em Portugal e 4 na Alemanha.
- . (1972). *A ilha do rei Sono*. Lisboa. Plátano ed.
- . (1972). *A Paixão Segundo João Mateus*. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto.
- . (1975). *As Cadeiras Celestes*. Farsa popular em dois atos. 1º Prémio “50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores” Repertório da SPA.
- . (1976). *As Cadeiras Celestes*. Farsa popular em dois atos. Prémio SPA, Lisboa, ed. Prelo Ed.
- . (1977). *O Rosto Levantado*. 1ª ed. em Algum Teatro IN-CM.
- . (1977) in *Antologia de poesia açoriana do séc. XVII a 1975*, coord de Pedro da Silveira, ed. Sá da Costa.
- . (1977). *O Rosto Levantado*. 1ª ed. em Algum Teatro IN-CM.
- . (1977). *A ilha do rei Sono*. 2ª ed. com edição em alemão. Lisboa. Plátano ed.
- . (1978). *A Paixão Segundo João Mateus*. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto.
- . (1979). *O Pavilhão dos Sonhos*, inédito
- . (1980). *Viagem a Damasco*, ed. SREC. Angra.
- . (1988) *Os Deserdados da Pátria*. 1ª versão, inédito
- . (1982). *Do Desencanto à Revolta*. [s.i.]
- . (1983). *Florânia ou A Perfeita Felicidade*. Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto que nesse ano a representou. “Prémio à Publicação” da Associação Portuguesa de Escritores.
- . (1983). *A Paixão Segundo João Mateus*. Angra, ed. SREC
- . (1985). *D. João no Jardim das Delícias*. [s.i.]
- . (1986). *Magalona. Princesa de Nápoles* [s.i.]
- . (1986). *Hakims Geschichten*: Kinderstück von Norberto Ávila; Kindertheater. Spielzeit 85-86. WLB.
- . (1987). *D. João no Jardim das Delícias*, ed. Rolim. Lisboa.
- . (1988). *Viagem a Damasco*, ed. SREC. Angra.
- . (1988). *D. João no Jardim das Delícias*, peça estreada pelo Teatro Experimental de Cascais
- . (1988) *Os Deserdados da Pátria*. **Vide** do Desencanto à Revolta 2003 [s.i.]
- . (1988). *O Marido Ausente*. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre.
- . (1989). *O Marido Ausente*. Estreia pelo Teatro de Portalegre.
- . (1989). *As Viagens de Henrique Lusitano*. [s.i.]
- . (1990). *Viagem a Damasco*. Estreia pelo Grupo de Teatro Alpendre. Angra.
- . (1990). *As Viagens de Henrique Lusitano*. Ed. SPA. Lisboa.
- . (1990). *A Donzela das Cinzas*. [s.i.]
- . (1990). *Magalona. Princesa de Nápoles*. Angra. SREC
- . (1990). *Uma Nuvem sobre a Cama*. Escrita a convite do Teatro de Portalegre
- . (1990). *Florânia ou A Perfeita Felicidade*. Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto, ed. Signo. Ponta Delgada,
- . (1990). *A Donzela das Cinzas*. [s.i.]
- . (1990). *Magalona. Princesa de Nápoles*, ed. SREC. Angra.
- . (1991). *As Viagens de Henrique Lusitano*: narrativa dramática em 2 partes (versão para marionetas). Sociedade Portuguesa de Autores. 91 pp.
- . (1991). *Uma Nuvem sobre a Cama*. Escrita a convite do Teatro de Portalegre que a estreou em 1991.
- . (1991-1993). *O Marido Ausente*. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre que a estreou em 1989. Traduzida em Polaco, Francês e Italiano. Escolhida para representar a dramaturgia portuguesa nas jornadas “Teatro Europeu Hoje” em 6 países 1991-1993.
- . (1992). *A Donzela das Cinzas*, ed. SREC. Angra.
- . (1992). *Arlequim nas Ruínas de Lisboa*. Escrita a convite do Inatel. Teatro da Trindade, ed. Escola Superior de Teatro e Cinema. Lisboa.
- . (1992). *As Fajãs de São Jorge. Álbum*. Fotografia e texto, ed. Câmara Municipal da Calheta. São Jorge. Açores.
- . (1993). *No Mais Profundo das Águas*, romance. [s.i.]
- . (1993). *Os Doze Mandamentos*. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre
- . (1994). *Os Doze Mandamentos*. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre que a representou, ed. SREC. Angra.
- . (1995). *Fortunato e TV Glória*. [s.i.]
- . (1996). *A Paixão Segundo João Mateus*. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto”. Estreada pelo Teatro “A Oficina” Guimarães.
- . (1996). *O Café Centauro. Tríptico provinciano: Cavalheiro de Nobres Sentimentos, As Invenções do Demónio*. [s.i.]
- . (1997). *O marido ausente*. Lisboa, ed. Colibri
- . (1997). *Uma nuvem sobre a cama, comédia erótica em duas partes*. Lisboa, ed. Colibri
- . (1997). *O Bobo*. Versão dramática do romance de Alexandre Herculano, estreada pelo Grupo de Teatro “A Oficina”. Guimarães
- . (1998). *Os Deserdados da Pátria*. (**Vide** Do Desencanto à Revolta (2003)
- . (1998). *Fortunato e TV Glória*. Peça estreada pelo Teatro Animação de Setúbal.
- . (1998). *No Mais Profundo das Águas*, romance. Lisboa, ed. Salamandra
- . (1999). *Percursos de Poeta*, poesia. Prémio Natália Correia, ed. autor. Lisboa.
- . (1999). *A Donzela das Cinzas*. Estreada pelo Teatro Passagem de Nível. Alfovelos.

- . (2000). *Salomé ou A Cabeça do Profeta*. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre que a estreou, ed. Novo Imbondeiro. Lisboa
- . (1999). *O café Centauro: tríptico provinciano*. Ed. Novo Imbondeiro Editores 86:
- . (1999). *As Suaves Luvas de Londres*, ed. Novo Imbondeiro. Lisboa
- . (1999). *O Café Centauro. Tríptico provinciano: Cavalheiro de Nobres Sentimentos, As Invenções do Demónio. As Suaves Luvas de Londres*. ed. Novo Imbondeiro. Lisboa
- . (2003). *Do Desencanto à Revolta, com a peça Os Deserdados da Pátria*, com a qual forma um díptico, ed. Novo Imbondeiro. Lisboa.
- . (2003). *Frente à Cortina de Enganos*, romance inédito
- . (2004). *Arlequim nas ruínas de Lisboa*. Ed. Novo Imbondeiro. Lisboa.
- . (2006). *A Paixão Segundo João Mateus*, Romance Quase de Cordel, ed. IAC. Angra.
- . (2007). *Para Além do Caso Maddie*. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre que a estreou em 2008.
- . (2008). *Memórias de Petrólio Malabar*. Peça expressamente escrita para a revista Prelo que publicou no nº 8 maio-ago.
- . (2009). “Da espiga ao espírito”. Angra. *Atlântida*, vol. 44. IAC
- . (2009). *O Rosto Levantado*. 1ª ed. em *Algum Teatro IN-CM*. Câmara Municipal de Lisboa.
- . (2009). *O Rosto Levantado*. Teatro CENDREV. Évora
- . (2009). *Algum Teatro, 1966-2007. Vinte peças em 4 volumes com um longo prefácio: Apresenta-se o Autor com as Suas Peças*. IN-CM. Lisboa.
- . (2011). *A Paixão Segundo João Mateus*, Romance Quase de Cordel. Angra. IAC.
- . (2011). *O Bobo*. Versão dramática do romance de Alexandre Herculano. Ed. Sociedade Portuguesa de Autores, IN-CM.
- . (2013). In *Coletânea de Textos Dramáticos* de Helena Chrystello e Lucília Roxo. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
- . (2013). “Dois irmãos gémeos de Santa Comba e outras histórias”. 20º *Colóquio da Lusofonia*. Seia.
- . (2014). “Algum teatro na internet”. 22º *Colóquio da Lusofonia*. Seia.

Atualização da bibliografia em <https://www.lusofonias.net/5-bqa-bibliografia-g-a%C3%A7orianidade.html>



MAIA 2013, 19º COLÓQUIO DA LUSOFONIA







MAIA 2013, 19º COLÓQUIO DA LUSOFONIA



MAIA 2013, 19º COLÓQUIO DA LUSOFONIA





**ROMANCE - NO MAIS PROFUNDO DAS ÁGUAS (1993 E 1994) -- CAP. I – PANORAMA LISBONENSE COM FIGURAS VÁRIAS - PP. 8 A 14.**

“[...]

Regressado de Coimbra há pouco mais de três anos, com o seu curso de Direito, instalara-se na casa paterna, em pleno Largo do Rossio. O seu quarto, no entanto, a que ele chamava “a Torre”, deitava para a Rua do Príncipe, depois denominada 1º de dezembro. Tentara ingloriamente a advocacia e o jornalismo em Évora, mas não tardara em regressar à sua bem-amada Lisboa, saudoso da cavaqueira com os amigos e do alvoroço do meio literário.

Lá deambulava ele, agora, no seu bairro preferido da Capital. A primeira visita da tarde deveria ser ao *atelier* fotográfico de João Francisco Camacho, estabelecido no 1º andar do Palácio Barcelinhos, edifício que viria a transformar-se nos Grandes Armazéns do Chiado. Era este Camacho um madeirense, de início encadernador, no Funchal. Interessando-se muitíssimo pela “nobre arte da captação das imagens”, viajara longamente pela Europa e pela América, ampliando assim os seus conhecimentos na matéria. Em Paris, chegara mesmo a ser discípulo de mestre Disderic.

Subia Eça de Queirós a escada larga compassando o andar com leves pancadinhas da bengala de castão de prata na macia passadeira vermelha, e magicava como seria fino, distinto e de bom-tom ver-se fotografado por tão conceituado artista. Tanto mais que o aspeto exterior se lhe havia demudado sobremaneira. Ainda há seis meses, antes da aventureira viagem que empreendera ao Médio Oriente, vê-lo-iam circular pela Baixa e pelo Chiado, figura muito magra e muito esguia, pequena e aguçada cabeça num pescoço muito alto. Usava então uma sobrecasaca preta, abotoada até cima, uma gravata alta e preta, umas calças igualmente pretas. O cabelo, condizente na pretidão, era corredo e dele sobressaía uma madeixa triangular, esvoaçante na testa cor de marfim. Eram da sua predileção umas lunetas fumadas, de grossos aros negros. O bigode, espesso e escuro descaía-lhe um tanto aos lados da boca, a qual, não sendo pequena, era dotada de uns dentes muito brancos.

Preferentemente trazia chapéu de copa alta e cónica; nas mãos, uma *badine* muito delgada, que nervosamente agitava. Aliás, aquele mesmo espelho de rica moldura dourada, ali no patamar, frente à porta do *atelier*, era judiciosa e oportuna testemunha de tão radical mudança. Decidira-se por uma longa casaca aberta, cor de beringela; calças cor de pinhão, suficientemente arregaçadas para que se vissem as meias de seda preta, com suas pintas amarelo-de-nápoles; compridos sapatos de verniz, de confeção britânica. Substituíra a gravata por um avantajado plastrão, de que emergia um colarinho alto, por certo embaraçoso para o natural movimento da cabeça.

Aconchegou aos dedos magros as luvas cor de palha; ajeitou os punhos da camisa, em que sobressaíam os botões de ouro. Estava realmente distintíssimo. Adiantou-se para



a porta, pintada de um vermelho-cereja, a cujo lado direito, em esmerada placa de cobre, se mencionava o nome do artista e a sua honrosa designação de “fotógrafo de Suas Majestades e de Sua Alteza Real”. Puxou o cordão da campainha, a qual se fez ouvir lá no fundo da casa, num argentino tilintar. O próprio João Camacho acudiu, poucos segundos depois, impecável na sua bata branca de trabalho. Homem de uns 40 anos, talvez um pouco menos, mostrou-se muito surpreendido: “Oh, senhor Dr. Eça de Queirós! A que devo a inesperada antecipação da sua visita?”

O visitante tirou o chapéu alto, de pelo de seda: “Como assim? Será que fiz confusão?”

“Tudo parece indicar...” E, franqueando-lhe a passagem: “Mas queira entrar, por favor.”

“Quinta-feira, se bem anotei na minha agenda,” respondeu o dândi do Rossio. E aceitou o convite.

“Quinta-feira, diz Vossa Senhoria muito bem. E hoje é quarta-feira.”

“Ah, que grande maçada!” exclamou o jovem, que, com o esgar produzido (e que lhe era muito peculiar), deixou cair o monóculo, suspenso do cordãozinho de seda preta. Mas logo o reacomodou no olho direito.

“E o pior é que hoje não o poderei atender, de maneira nenhuma. Bem vê, isto está aqui tudo preparado para sessões bem mais complexas. Enfim... como diz o Poeta: *Que outro valor mais alto se alevanta*. Não desfazendo os méritos pessoais de Vossa Senhoria, aguardo a visita duma família muito ilustre...”

“Os Braganças da Ajuda...?”

“Precisamente, meu caro amigo.” E anunciou-lhe, para dali a pouco, a chegada de Suas Majestades o Rei D. Luís I, dito “o Popular”, e a Rainha D. Maria Pia de Saboia, filha de Vítor Manuel II, Rei da Itália. Ah, viriam também, naturalmente, Sua Alteza Real o Príncipe D. Carlos e seu irmãozinho, o Infante D. Afonso.

A “cenografia” preparada, a servir de fundo a um certo número de poses naquela tarde, compreendia ambientes de interior e exterior, devidos ao talento de José Cinatti, arquiteto e pintor famoso, que trabalhava para a Casa Real, cenógrafo dos Teatros de São Carlos e de D. Maria II.

Lançando uma vista de olhos pelos diversos recantos do salão, assim tão habilmente decorados, ousou dizer o jovem Eça de Queirós: “Pois muito gostaria eu de ser mosca neste seu *atelier*, nestas próximas horas.”

“Oh senhor doutor! Por quem é! Escusa de tornar-se tão liliputiano e insignificante. Para ver e ouvir as ilustres personagens? Nada mais fácil.”

Haveria, realmente, uma possibilidade. A de o indiscreto perscrutador subir a um pequeno escritório sobranceiro àquele vasto espaço, cuja vidraça era protegida por uma fina cortina de renda de Bruxelas. Só que, ali, não apanharia ele grande coisa de presumíveis diálogos. Outra hipótese seria a de o elegante Queirós consentir em rebaixar-se um pouco, aligeirando o traje, vestindo até um guarda-pó, por exemplo. Dois ou três

estariam suspensos de um cabide, num cubículo, debaixo da escada. E assim, naquele preparo, poderia ele muito bem passar por ajudante do mestre fotógrafo, executando uma ou outra ordem que parecesse mais adequada à sua inexperiência.

Proposta aceite, com alvoroço de Eça... [...]

Tanto que chegaram as Majestades, com os seus meninos e alguns servidores mais íntimos, foi um corre-corre, uma lufa-lufa naquele *atelier*. Entretanto, quer o Senhor Dom Luís, quer a Senhora Dona Maria Pia (que demonstravam muita estima e consideração pelo mestre-fotógrafo) haviam lembrado o que realmente desejavam: retratos individuais deles próprios e dos Principezinhos; só dos Reis; só dos Principezinhos; da Rainha com os ditos; de Suas Majestades com Sua Alteza Real o Príncipe Carlos... e outras variações eventualmente possíveis.

Mudaram-se as ilustres figuras, por várias vezes, de roupagens e adereços, nos três pequenos gabinetes-vestiários, sempre coadjuvados pelos servidores. E o expedito Eça de Queirós, fazendo-se da casa como convinha, ajeitava umas camélias rubras num belo vaso policromado chinês, avançava ou recuava uma cadeira três milímetros, compunha as pregas de um pesado reposteiro de veludo cor de mel. E não lhe foi difícil aperceber-se de que Suas Majestades, sempre que regressavam dos respetivos gabinetes-vestiários, preparados para nova pose, reatavam a conversa interrompida, aparentemente nascida já na carruagem que os trouxera da Ajuda, se não mesmo no próprio Palácio. [...]

Ouvido atento, Eça logo se inteirou do motivo da real desarmonia. Tratava-se de pormenores de certa importância concernentes ao próximo baile a realizar no Paço: o primeiro daquele ano.

“Ano novo, vida nova”, argumentava a enérgica piemontesa. Que seria fundamental uma mais rigorosa seleção dos convidados. [...]

Tais acontecimentos e circunstâncias procurava o intruso escritor guardar na memória, até que, mais para o fim da tarde, tendo Camacho executado as suas funções com extremada gentileza e infinita paciência, lá se foram Suas Majestades e Altezas a retomar as vestimentas de uso mais corrente. O mestre--fotógrafo e o acidental ajudante trocavam discretos sorrisos de inofensiva cumplicidade.

À saída, a Rainha, depois de muitos agradecimentos seus e de seu marido ao dono da casa, dignou-se gratificar o mesmo ajudante, deixando-lhe na mão uma grossa moeda de prata. Após o que observou, com o seu sotaquezinho *cantabile*: “Felicito-o muito pela superior e inesperada elegância dos seus sapatos. Comprados em Portugal?”

“De modo nenhum, Majestade.” E baixou os olhos, na sua timidez, fantasiando uma eventualidade minimamente aceitável: “Ofereceu-mos há poucos dias um tio meu... que veio de Londres.”

“Ah!” exclamou a Rainha. E, voltando-se para o marido, agora com manifesto bom humor: “Ficamos então a saber, Senhor Dom Luís de Bragança: Para sapatos... Londres. [...]



**CAP. XVI – ILHAS, NO MAIS PROFUNDO DAS ÁGUAS, LISBOA, EDIÇÕES SALAMANDRA, 1998, PP. 207 A 209.**

[...] Com a partida de Oliveira Martins, em pleno mês de maio, a tendência de Antero foi a de voltar a encerrar-se em casa, sendo raríssimas as visitas que se permitia fazer. E, certo dia, ajoelhado no chão do seu quarto, sentado sobre os calcanhares, tinha a um lado um amontoado de manuscritos, que, calmamente, ia rasgando.

Pela porta aberta espreitou a irmã Ana, a qual, inquietando-se com o que via, acabou por entrar: “Então que é isso, Antero?”

“Um holocausto à deusa Perfeição,” respondeu ele, imperturbável.

“Mais te agradeceria ela que trabalhasses os poemas (se é disso que se trata) ...”

“Uns poemas que me sobram, excessivamente líricos para o meu gosto atual.”

“Meu Deus!” Caiu de joelhos, junto dele, e, inclinada sobre os papéis, procurava salvar o maior número possível de manuscritos. “Mas tu enlouqueceste?”

“E lá se foi também a tradução do *Fausto*: quase todo o 1º ato.”

Ana recolhia as últimas folhas: “Que barbaridade! Tantos meses de trabalho?”

Antero suspendeu a destruição: “A morte virá longe ou perto? Tanto faz. Mas deixarei ao menos uma obra que se possa ler.”

“Com estas fúrias destruidoras, que vais tu deixar, infeliz? O que está publicado...”

“Refundi ultimamente as *Odes Modernas*. Sim... Esse livro, talvez. E alguns sonetos!”

Poucos dias passados, estava D. Guilhermina sentada junto à janela. Lia um livro que, pelas folhas douradas e várias fitinhas coloridas, se presumia ser de devoção. A luz da tarde vinha coada pela branca cortina de renda.

Ana chegou do jardim, em passo decidido, com um braçado de hortênsias azuis: “Veja, mamã: que lindas!”

“Lindas, na verdade.”

“As primeiras do nosso jardim.”

“Vais pô-las no jarrão?”

“Certamente.” E dirigiu-se para a mesa de costura, onde já tinha o vaso preparado.

“Mas não todas, minha querida. Guarda-me aí uma meia dúzia, que hei de levar ao Convento da Esperança, para o altar do Senhor Santo Cristo dos Milagres.”

“Será que as freiras não têm hortênsias lá na cerca?”

“Mas muito atrasadas, Anica. Ainda ontem estive a olhar para elas.”

“Pois seja.” Separou umas tantas flores e pôs as outras no jarrão chinês.

D. Guilhermina voltou à sua leitura devota. E Antero, que ouvira as últimas frases, logo surgiu à porta, vindo do corredor: “Sai meia dúzia de hortênsias para o Senhor Santo Cristo.”

A piedosa viúva pousou o livro no regaço: “Por onde tens andado, meu filho?”

“À beira-mar, sacudindo o tédio.” Aproximou-se da mãe. “Sabe, mamã...? Voltei à primeira decisão.”

“Qual? Porque são tantas as tuas decisões e indecisões...”

“A chegada do *Insulano* está prevista para 21. A minha ideia é seguir nessa viagem para a ilha Terceira.”

“Essa tua cabeça não para um minuto,” comentou a irmã.

Antero esclareceu que colhera novas informações sobre um tal estabelecimento de hidroterapia de Angra do Heroísmo. Diziam-lhe ser excelente: “A minha vontade era experimentá-lo. Que vos parece?”

“Pois quem sabe?” admitiu a mãe.

“Se achas que vale a pena...” acrescentou a irmã.

“Faria o tratamento durante todo o verão...” disse Antero.

“Pois sim,” concordou D. Guilhermina. E fez uma pausa: “Mas não irás sozinho.”

“Por que não?”

“Porque o teu próprio estado de saúde assim o aconselha,” respondeu a mãe. Ana, a irmã dileta, ofereceu-se para acompanhá-lo.

“Não. Obrigado, Ana. Não é necessário.”

“Ou preferes que seja eu?” perguntou a mãe.

“Prefiro evitar-lhes esse incómodo.”

“Pronto,” contemporizou D. Guilhermina. “Será como quiseses.” [...]

---

**CAP. XVII - UM AMOR QUE SE APAGA - NO MAIS PROFUNDO DAS ÁGUAS, LISBOA, EDIÇÕES SALAMANDRA, 1998, PP. 222 A 227.**

[...]

Desceram logo depois, frente à porta do Dr. Charcot, e despediram o fiacre. Então, antes de subirem a escada, combinaram a estratégia a adotar, de modo a conseguir que o famoso esculápio (que cada ano recebia uns cinco mil doentes no seu serviço de consulta externa) se dignasse atender Antero de Quental com a possível brevidade. O bom Salomão, sozinho, daria os primeiros passos.

Para grande surpresa do poeta, ao entrarem na antessala do consultório, onde aguardavam umas dez ou doze pessoas, Sáragga dirigiu-se a uma jovem empregada que ali estava sentada a uma mesita, tratando-a pelo nome de Miriam. E ela, para mais sua conhecida dos ofícios religiosos na sinagoga, ao sábado, no *Yom Kipur* (dia do perdão) e em quantas outras solenidades judaicas, interrompeu o seu trabalho de croché miudinho. Falaram ambos em voz baixa, com discretos sinais de muita cordialidade.

Apresentando Antero à amável senhora, feito o elogio do poeta por Salomão, prometeu ela, garantiu mesmo que o paciente seria atendido nessa mesma tarde, já no fim do período de consultas.

“A essa hora”, pensou Antero, “já o Charcoto (se assim me posso exprimir) deve estar tonto que nem um rato.” Mas agradeceu muito o especial favor e ofereceu os seus préstimos, ainda que bem diminutos em tais circunstâncias, sendo de poeta, e em terras estrangeiras.

Resumindo: ao fim do dia, muito prestes a anoitecer, voltaram os dois portugueses ao consultório do médico ilustríssimo. Antero fazia-se portador de um cartuchinho de bombons, que recatadamente depositou nas mãos finas e habilidosas de Miriam.

Chegado o devido momento, quando levavam já cerca de uma hora sentados nas duras cadeiras de mogno, chamou uma enfermeira Monsieur De Quental,

“Até já, Salomão.”

“Não tenha pressa em despachar-se. Aproveite bem a consulta, que dificilmente se apanha. Eu fico aqui com a minha papelada. Darei uma vista de olhos à colaboração para a revista,” disse o diretor de *Os Dois Mundos*, abrindo a sua inseparável pastinha de marroquim azul.

Decorridos uns trinta a quarenta minutos, reapareceu o poeta. Sáragga achou-o animado, estranhamente sorridente. E perguntou: “Então?”

“Deixe-me chegar à rua, que já lhe respondo.” E parecia morder os lábios, como se quisesse precaver-se de um ataque de riso. Pagou a consulta à simpática Miriam, a quem ambos apresentaram agradecimentos e cumprimentos de despedida.

Apressaram-se para a saída. Antero, descendo a escada atabalhoadamente.

“Homem!” exclamou Salomão. “Fale, por amor de Deus!”

“Um momento, por favor. Afastemo-nos daqui alguns passos; quero abrir as goelas e rir como um possesso, a bandeiras despregadas.”

“Tal foi o diagnóstico?!”

“Tal foi o diagnóstico! diz muito bem.”

E correram para um banco providencial, junto a um tufo de lilases. Sentaram-se. Antero respirou fundo e, indo a explicar-se, desencadeou-se-lhe uma hilariedade nervosa, e riu perdidamente.

“Desagradou-lhe a consulta?” perguntou Salomão, cada vez mais intrigado.

“De modo nenhum. E digo-lhe até que este Charcot me pareceu um dos indivíduos mais inteligentes que tenho visto até hoje.” E gargalhou sonoramente.

“E também dos mais cómicos, pelos vistos.”

Dominando-se, por fim, Antero enxugou as lágrimas que o riso lhe provocara e relatou muito sumariamente: “Depois dos competentes interrogatórios e apalpões, eis a opinião do grande neurologista: *On s’est trompé; vous n’avez rien à l’épine. Vous avez une maladie de femme, transportée dans un corps d’homme. C’est l’hystérisme.*”

A este passo, também o bravo Salomão desatou em fortes gargalhadas, secundando o bem-humorado Antero. A tal ponto que os passantes os olhavam de soslaio, invejosos de não terem acesso àquele remédio estupendo que é o riso.

“Diz ele que isto se cura facilmente.”

“Oxalá.”

“E receitou-me umas boas sessões de hidroterapia. Num estabelecimento dessa especialidade, que classificou de exemplar, em Bellevue.”

“Bellevue? Isso é aqui relativamente perto, a umas 4 ou 5 léguas de Paris. Amanhã, se concordar, já lá iremos ver o que se arranja.” E levantou-se.

“Pois sim, Salomão, que bem desejoso estou de iniciar o tratamento,” respondeu Antero, seguindo-o. “Ah, mas esquecia-me destoutro assunto: um amável convite do eminente Charcot.” E fez uma vénia de ironia.

O outro abrandou o andamento, na expectativa.

“Já ouviu falar das preleções que ele profere todas as terças-feiras?” perguntou o poeta.

“No Hospital da Salpêtrière? Palavra que me lembrei disso há bocado, estava Você na consulta. E tencionava falar-lhe no assunto, por sinal.”

“É que estou convidado a aparecer, amanhã. E o meu amigo também, se lhe interessar.”

“Já lá fui uma vez, há de haver um ano, ou mais. Mas, de qualquer maneira, terei muito gosto em acompanhá-lo. Sendo assim, iremos amanhã à Salpêtrière, adiando para quarta-feira a ida a Bellevue.”

“Concordo plenamente.”

“Ótimo. Estou certo de que será de algum proveito para si conhecer o animado ambiente dessas palestras, que tanto falatório provocam na pacífica sociedade burguesa.”

Ao outro dia, portanto, à hora indicada, compareceram ambos no bem conhecido hospital parisiense. A sala, embora ampla, encheu-se rapidamente. De médicos e estudantes de medicina, como é natural, mas também de simples curiosos, em que avultavam jornalistas, escritores, pintores, fotógrafos, atores. E Salomão Sáragga, que ficara periclitante no extremo dum banco, ao lado de Antero, ia-lhe segredando os nomes de maior relevância. Que pena não ter vindo a grande Sarah Bernhardt, assídua naquele teatro tão marginal quão científico!

Um murmurinho de vozes (algumas de sonância estrangeira) preludiava a conferência do Dr. Charcot. E, entrado ele, com um atraso de uns cinco minutos, se tanto, na companhia de alguns colaboradores mais diretos, vai a numerosa audiência silenciando, ávida de escutar o mestre. É um homem de estatura mediana, bem encorpado, que em pouco haverá ultrapassado os cinquenta anos. Cara redonda, expressão retraída. Do alto da fronte, que é ampla e nobre, parte-lhe, para trás, a cabeleira lisa, ligeiramente grisalha. Usa um redingote de veludinho preto, de corte

impecável. Da brancura da camisa sobressai-lhe o refolho da gravata de seda, igualmente preta.

Os minimamente entendidos nestas ciências tomam poses predispositivas de boa percepção, assentando na testa, ou mais preferentemente no temporal direito, o dedo indicador. Os razoavelmente entendidos procedem de modo semelhante, mas com dois dedos: o indicador e o médio.

Antero perpassa o olhar curioso e demorado pela seleta assistência. Já o mestre avança na doutíssima preleção, seguro nas suas teorias, largamente expendidas naquele mesmo local, tornado cátedra de fama que excede as fronteiras da Europa. E isto já a partir dos primeiros anos da década anterior.

Inegável sacerdote da nevrose, fala de hereditariedade mórbida, despertada pelo “choque nervoso”, agente provocador que liberta as manifestações mais delirantes. (Se acaso a doença não deixa marcas orgânicas, é porque afeta unicamente o córtex cerebral.)

Alguns dos assistentes, por necessidade real ou mera ostentação, vão tomando suas notas.

Mas eis que chega o ansiado momento da demonstração prática. Três hão de ser, naquela tarde, as pacientes, três. (Perdoe-me o leitor o estilo circense e tauromáquico, desgraçadamente tão próprio destes espetáculos hospitalares.)

Charcot leva à frente o lenço de fina cambraia, enxugando o suor despontante. Pede que lhe abram uma das janelas, o que logo se cumpre. E já a enfermeira-assistente surge a uma porta lateral, conduzindo a primeira paciente. É uma rapariga de uns 18 anos, bem dotada de formas, Delphine de seu nome, seduzida e violada pelo padrasto, no limiar da puberdade. Habilmente orientada pelo médico, revive, representa o seu drama, com uma falsa espontaneidade, certamente bem estudada. E quem, no devido tempo, comparece a substituí-la é Mireille, mulher arrogante, de pretensões aristocráticas, com o seu medo terrível de ser infetada pelo povo, seguramente provocador da degenerescência da raça. E o grande teatro da histeria termina, naquele dia, com a exibição de Angélique. Aparentemente grávida, o estranho consiste no facto de ela repudiar a “sagrada maternidade da Virgem Maria”. Ela, sim, Angélique, agora está mesmo grávida de 13 meses, por exclusiva intervenção do Altíssimo, que, ao permitir-lhe o prolongamento da gestação, bem afirma o desejo de que o seu divino Filho seja um acabado exemplo de humana perfeição...

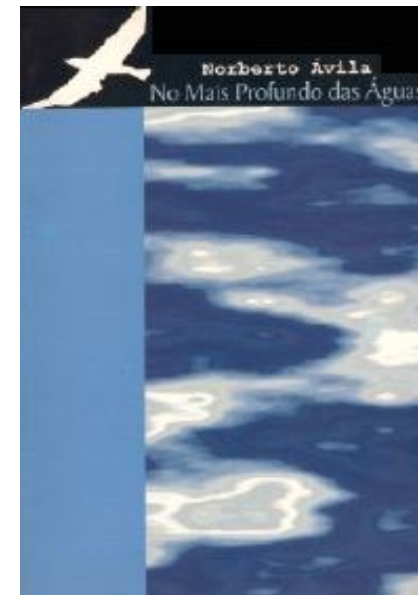
No dia seguinte, ao fim da manhã, tomaram os dois amigos o comboio, rumo a Bellevue. Uns 20 minutos de viagem, se tanto. E o sítio agradou-lhes sobremaneira, pelos seus muitos arvoredos e águas correntes. Lugar bonito e alegre, na verdade. Ao longe, no horizonte, em pardacentas cores, recortava-se o casario de Paris. Dele sobressaía a dourada cúpula dos Inválidos. De outro ponto da grande Capital enviavam reflexos solares os altíssimos telhados de vidro da futura grande Exposição.

Resolvidos todos os pormenores que condicionavam o internamento de Antero no famoso estabelecimento hidroterápico, ainda o amável Salomão o acompanhou, por

umas duas horas, à mesa da esplanada em que almoçavam, à sombra fresca de um vasto caramanchão de madressilva. E, nessa mesma noite, descendo Antero do seu quarto ao salão, na esperança de algum momento de convívio minimamente compensador, deparou-se-lhe um pequeno grupo de pessoas à volta de um piano (um Pleyel, por sinal, de impecável aspeto). Soube então, por um rapaz muito pálido e elegante, ali sentado, *badine* sobre os joelhos, estarem todos aguardando a chegada de um pianista de certa nomeada, polaco, que por acaso se encontrava em Bellevue, em tratamento. Antero ouviu o nome do artista. Mas, sendo daqueles que ostensivamente primam pela ausência de vogais e excesso de consoantes, ficou na mesma.

Já o ilustre concertista transmitira ao teclado, através das mãos finas e ágeis, alegres melodias de Mozart e sombrias sonoridades de Chopin, ressurgia Beethoven quando os olhos do poeta se fixaram no vulto de uma jovem senhora, ouvinte por certo habituada aos concertos parisienses e que logo lhe pareceu discretamente sedutora. Apresentava-se no seu longo vestido de linho branco, guarnecido de renda de Milão. A condizer com o leque, aliás, da mesmíssima renda, armado em varetas de marfim. A espaços, abanava-se com ele, brandamente. E então, semicerrava-se-lhe o olhar, como se procurasse concentrar-se o mais possível; pairava-lhe nos lábios carminados um vago sorriso de inefável melancolia.

[...]”





“[...]”

Era uma gôndola muito recentemente restaurada (segundo explicou a Bruno Santiago o proprietário-condutor, um setentão bem conservado). E dizer que era embarcação elegante seria pleonismo, porquanto a sua própria condição de gôndola já pressupõe elegância no estar e no deslizar. Para ela entraram os pseudonamoradinhos Marcos e Sandra, que logo se acolheram ao vermelho vivo dos assentos.

“Que maravilha, *fratello mio*” gracejou a moça, estendendo as pernas ao longo do tapete cereja, tenuemente losangulado de amarelo-canário, do qual uma parte sobrança, com negligência lançada à ré, emprestava um mínimo de pompa e comodidade ao gondoleiro.

“Atenção, *sorella mia*,” advertiu o jovem Galisteu: “A Claudimarlene vai embarcar. Trombetas!”

E na verdade, na outra gôndola fretada para o passeio, Bruno, que entrara primeiro, oferecendo-lhe a mão direita, ajudava-a a descer para a embarcação. E então Zebedeu, depois de passar a câmara ao companheiro de viagem, embarcou sem dificuldade.

Acomodaram-se os três, ficando Bruno e Claudite no par de assentos principais; Corujão, num assento lateral, de jeito que, ao iniciar-se a passeata, pudesse ter fácil captação de imagem para as bandas de Cannaregio e, voltando-se no alinhamento da popa, apanhasse bem, na outra gôndola, os festejados protagonistas. E aqui o condutor era um jovem de vinte e poucos anos, bronzeado no rosto e nos braços, cujo cabelo, castanho alourado, se diria um cacho de tremulantes caracóis, arrancado a um painel renascentista. Mas, ao contrário do velho gondoleiro (que envergava a tradicional camisola horizontalmente listada de azul e branco, chapéu de palha com sua fita a condizer, cujas pontas pendiam para trás), usava este uma alvíssima camisa de gola à marinheira e uma calça de bombazina preta.

Os três hóspedes do Hotel Marconi e os dois enviados da TV Planeta haviam estabelecido como ponto de encontro a zona do Rialto, e, mais exatamente, a sede dos Correios, edifício de grande porte, de pedra branca, com seus cinco arcos de volta inteira, dos princípios de século XVI. Porque a Sandra e o Bruno queriam enviar alguma correspondência. O pesado monumento era ainda conhecido por Fondaco dei Tedeschi (Armazém dos Tudescos), por ter sido, séculos atrás, um importante aglomerado de lojas e aposentos de mercadores alemães.

Agora Sandra lamentava ao irmão que o Bruno não viesse com eles na mesma gôndola, pois assim perdiam as preciosas informações do gentil guia turístico amador. Certo era que, depois, visionando as imagens colhidas por Zebedeu Corujão, lhe escutariam os instrutivos comentários. Por conseguinte, e de momento, Bruno Santiago, achando que os dois repórteres, seus companheiros de barcagem, não se mostrariam interessados em

muitos pormenores elucidativos, havia-se decidido a poupar palavreado. Mesmo assim, não quis deixar sem referência, logo no início do percurso (iam a subir o Canal Grande), uma donairosa construção do século XIII, em estilo véneto-bizantino. “Ali nasceu o navegador Alvise da Ca’ da Mosto, que em Portugal ficaria conhecido por Luís de Cadamosto. O facto é que aos 22 anos de idade seguia ele em viagem para a Flandres, numa galé da República. Porém ventos contrários retiveram-no algum tempo no Algarve, onde teve ocasião de conhecer o nosso Infante D. Henrique. O qual, como seria inevitável, lhe falou dos seus empreendimentos africanos. Resultado: O jovem forasteiro acabou por comprometer-se no prosseguimento de exploração das costas do Senegal e da foz do rio Gâmbia. Depois desta e uma outra viagem, ainda ficou em Portugal uns 7 anos. Sobre tão fascinantes navegações escreveu um livro. Logo no preâmbulo vangloria-se de ter sido o primeiro veneziano que se decidiu a navegar o mar Oceano, para fora do estreito de Gibraltar, em direção ao Sul.”

“E isso em...?” perguntou Corujão.

“1455.”

“Com algum atraso, convenhamos.”

“Muito mais precursor foi outro veneziano, Marco Polo, persistente explorador das rotas orientais, não é verdade?”

E Bruno Santiago pensou que deveria chamar a atenção dos companheiros para um belíssimo balcão do *Palazzo Sagredo*, rosada construção do século XIV, e assim o fez. Mas logo a seguir surgia-lhes a Ca’ d’Óro, por certo o melhor exemplo do gótico veneziano, orientalizante, com duas compridas varandas sobrepostas, magnificamente rendilhadas. “Esta preciosidade arquitetónica, quatrocentista,” disse o jovem cicerone, “tinha a fachada colorida de azul-ultramar e vermelhão, sendo alguns ornamentos cobertos de folha de ouro. Daí o nome do edifício. Em meados do século XIX um príncipe russo, achando-o à venda, um tanto degradado, ofereceu-o a uma famigerada bailarina italiana, Marie Taglioni. A qual – valha-nos Deus! - tratou de restaurar o interior (à sua maneira, coitada!), deixando-o num estado mais que lastimável. Conclusão: A habilidade ou jeiteira balética (pelo menos naquele tempo) nem sempre coexistia, na mesma pessoa, com o bom gosto e disposição cultural.”

Estes pormenores pitorescos fariam as delícias de Sandra Galisteu. Mas ela seguia ali a duas dúzias de metros, na outra gôndola, forçadamente abraçada ao irmão, seu pseudo-apassionado.

Bastante mais além poderia Santiago ter apontado o *Palazzo Marcello*, não por uma excepcional arquitetura entre tanta magnificência, mas por ter sido, em 1686, local do nascimento do compositor Benedetto Marcello, nome que, é de crer, bem pouco poderia dizer a Corujão e nada de nada a Claudite Marlene. Tanto mais que, separado apenas pela grade de um jardim, logo se impunha o *Palazzo Vendramin-Calergi*, quinhentista, num todo harmonioso de janelas geminadas. E, à maneira de prelúdio ao esclarecimento, – esse, sim, de indubitável relevância –, Bruno trauteou uns compassos da abertura do

*Tannhäuser*, com largo gesto na direção do nobre e renovado edifício. E então se justificou a pleno o devaneio musical: “Aí vinha passar o inverno e repousar, nos seus últimos tempos, Richard Wagner; aí morreu, em fevereiro de 1883.” Prosseguiu cantarolando uma dolorosa passagem da morte de Siegfried.

O velho gondoleiro, que os seguia a uns vinte metros e por certo não desconhecia o evento cultural ligado a tão venusto e vetusto palácio, remava, cadenciado e lento, bonomicamente sorrindo perante as inesperadas incursões líricas do rapaz. Mas Bruno e Sandra, conquanto se apercebessem da musicata, não apreenderam o motivo do seu rompimento.

“Era cardíaco, ia completar 70 anos o genial compositor,” adicionou Bruno Santiago. “Certa manhã, ao embarcar numa gôndola (mas não

há de ser esta, creio bem, porque a não vejo assim tão ancestral e caquética!) foi acometido por um ataque. Imediatamente o trazem de volta para o palácio. Deixam-nos nos braços de Cósima (a mulher, que era filha de Liszt). Mandam buscar o médico, que se limita a confirmar o óbito. Pronto, agora não canto mais.”

“Que bem que você conta essas peripécias, Bruno,” reconheceu a Claudite Marlene, todavia insuspeita de wagnerfilia, até pela crassa, colossal incultura.

“Ah, sim?” admirou-se o rapaz. “Pois então ainda lhes acrescento os antecedentes dessa manhã.” Suspendeu-se um instante, criando expetação. “Pouco antes de sair, Wagner tivera uma discussão muito acalorada, de que resultara irritar-se tremendamente. Insistiam alguns que certa cantora, cujos méritos ele reconhecia como invulgares, não devia fazer parte do elenco do *Parsifal*. O compositor, pelo contrário. E porque vira e porque torna, e porque torna e porque deixa, mais isto e mais aquilo, chegou ao rubro a discórdia. Consequência inevitável: rutura do ventrículo direito.

[...]”



20º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2013



20º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2013





20º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2013







**A PAIXÃO SEGUNDO JOÃO MATEUS - (ROMANCE QUASE DE CORDEL) (2004 A 2006)**

**A PAIXÃO SEGUNDO JOÃO MATEUS (ROMANCE QUASE DE CORDEL), LISBOA, EDIÇÃO INSTITUTO AÇORIANO DE CULTURA, 2011, PP. 22 A 30.**

[De como Lisuarte aceitou interpretar a figura de Cristo]

“[...]”

Desde munto novo m’ habituei a ajudar mê pai nos sês dois ofícios princepais: o de marceneiro e o de violeiro. Mães, sendo ele também cantador de munta fama (chumavam-le o Chacota), bem cedo le segui os passos nas cantorias das festas de toda a ilha. E foi numa destas andanças (abinçoadas por Dês Noss’ Senhor, julgo eu) que chiguei a conhecer a Lucinda Sacramento, tecedeira em Sã’ Brás, que logo se apressou a tecer o seu amor por mim, o que nos levou ao casório dois anos dipois de me ver livre da tropa.

Inté 1947 fôrum nacendo alguns filhos. Hildebrando (o Ponce Pilhatos, salvo seja); Deonilde, esta im cuija casa agora nos incontramos e que se fixou im Tulare im 1961. (Ela tem um úneco descidente, mãs que vale pro dez, o Michael. Hoije, inf’lizmente, ele inda nã podrá istar cunnosco, que tem os sês cumprissos de professor na Universidade de Santa Bárb’ra e só istá desponíve òs fins de somana.)

Dipois de Deonilde naceu Florival, aquel’ inf’liz que nos morreu na Guiné, naquelas guerras de trestíssema mimóira.

Seguiu-se intão Leandrina, a que fazia de Maria Madalena, arrecorda-se? (Dos quatro filhos que teve, dois – o Ramiro e o Òsvaldo – érum alguns dos nossos Anjos mai’ remexidos, mai’ traquinas.)

Q’anto ò mê filho mai’ novo, o Lisuarte, esse, na fegura de Cristo, por certo istará bem nítido na sua alembrança.

Im 1972, q’ando decedi pôr im insaios *A Paixão* (que o senhor, cum seu espír’to generoso e bem humorado, diz ser *A Paixão Sigundo João Mateus*), andava o Lisuarte plos vinte e poucos anos – 25, mais inzactamente – e era, graces a Dês, um moço de munto bua presença e dotado duma voz clara e bem timbrada e agradavle a mais nã poder. Disse eu cá comigo vezes sim cunta: “Este mê filho é que ficaria bem e rebém na fegura princepal.”

Certa menhã, estávemos nós lado a lado na of’cina, dando os retoques finais numa mesa de jintar (que tinha ficado um luixo, se me permite a imodéstia) e vai daí disse-le eu: “Tu inté’gora, Lisuarte, leste umas piquenas passagens daquela minha peça – *A Paixão*. E cunfesso-te, mê filho, que munto gostaria de saber q’al a tua openião sobre este mê devaneio de poeta.”

“As duas cenas, mê pai, que li já há uns tempos”, respondeu-me ele interrompendo o trabalho e fixando im mim aqueles olhos grandes e semp’ tã’ ‘xpressivos (qu’érum o deslumbramento de muntas raparigas da Serreta e freguesias das redundezas), “parécim-

me de bua escrita, e tenho quase a sreteza de que produziriam bum efeito, se bem represintadas, nat’ralmente.”

“Pois mais uma rezão, Lisuarte, pra leres agora todo o texto, pla devida orde, do princípio ò fim. É que , julgo eu, inda descobrirás uns tantos motivos par’ uma openião favorávle, e digamos que mais def’nitiva.”

E eu antão, que cumpeçava a inquietar-me ò ver o tempo gastar-se assustadoramente, sim haver decedido coisíssima nenhuma sobre a destribuição dos papéis, botei caras à vregonha, cumo se questuma dezer, e desfichei a minha preposta: “Nã estou a ver, aqui por estas bandas, e se calhar aiinda por algumas léguas im redol, um moço a quem quadrasse melhor intrepetar a fegura de Jasus.”

O que ê fui dezer! Aquilho pra (i)ele foi uma surpresa de todo o tamanho, cumo se acabasse de arreceber cunvite pra vesitar, de carro de bois, a Lua ou q’alquer planeta aiinda mais destante! Instalou-se antre nós um selêncio incómedo. Um minuto que parcia um ano, se me permite o inzagero. Pobre Lisuarte!

A prepósito: sabe o senhor donde me veio a ideia de dar a este mê filho, na pia batismal, semelhante nome? Ora, era eu inda rapazote, acunteceu que a D. Isménia, que tinha sido minha professora na 4ª classe, m’imprestou um livrinho ‘titulado *O Romance de Amadis*. Um dos personagens princepais era o Rei D. Lisuarte. Ficou-me na mimóira esse nome. Ora aí tem. Mãs voltemos ò noss’ assúinto.

Este meu àparte (nã sei se m’intende) foi mais pra marcar o tempo da reposta que tanto m’intressava oivir. Antão, decedindo-se pro fim, Lisuarte argumentou que nim tinha a mínema práteca “dessas teatradas”; que nim siquer, ao cuntrário dos irmãos Hildebrando e Florival, participara nas danças carnavalescas que se fazíum (e inda se fázim, f’lizmente) por toda a ilha Treceira. O que não era mintira nenhuma. Oitra rezão de maior peso, julgo eu, poderia haver, mãs a (i)essa não hoive q’alquer ref’rência. É que o p’ríodo d’insaios de tais manifestações populares torna-se pro vezes longo, e ele apreciava munto o cunvívio cotidiano cum uns amigalhotes, nuns cafés e numas tascas. Era por esse tempo um virote, incansávle andarilho por natureza, ind’assim prudente e arrazoado, — cuncordo, — que, loivado seja Dês, nunca escandulizara fosse quim fosse. Intrements, mantinha uns namoricos altrenados cum duas raparigas (tanto q’anto julgo saber!, qu’inté pod’ríum ser mais), uma nas Doze Rubeiras e oitra nos Altares.

E disse mais o Lisuarte: que a preposta, para muntos vredadeiramente atententadora, o assustava sobremaneira, tratando-se dum papel de tremenda respunsab’lidade. “Pois por isso mêmo é qu’estou aqui a gastar o mê latim, comâ se questuma dezer”, respondi-le eu. Lá dipois dumas tantas voltas e cuntravoltas no nosso diál’go, im que a vantagem da argumentação ora par’cia mais da minha banda, e logo no campo contráiro, ê, pla minha parte, nã quis ser tanto astucioso que l’iscundesse oitro motivo de grande peso: o de Dês Noss’ Senhor o ter destinguido antre os demais cum uma fegura e uma voz qu’o tronávum insubstituívle naquele mê projeto. Baixou os olhos,

maravilhosamente invregonhado; de súbito avurmelharam-se-le as fácias, comâ nunca tinha visto acuntecer-le.

Chigados a este punto, interrompemos, por umas horas, o noss’trabalho. A dita mesa de jintar, incomendada por uns mêsenhores de Angra, ficou sozinha, fichada na of’cina. Saímos pra um longo passeio a pé, pro caminhos e veredas da Mata da Serreta. E q’ando voltámos, já munto sobre a hora d’almoço, ê guardava no coração o cumprimento de Lisuarte q’anto ò assúinto que tanto me preocupava. Sim, ele desimpenharia o melindroso papel do Nazareno. Mãs só naquel’ano! Eu que tomasse bem sintido! Que a dar-se o caso de *A Paixão* vir a ser represintada im anos post’riores, oitro ou oitros le tomaríum o lugar. Pra tranquilizá-lo, fui-le dezendo que, de q’alquer modo, nã ‘stava nas minhas intenções represintar a obra mais do que umas cinco ou seis vezes, e só na Páscoa daquel’ano de 72. (Era a melhor maneira de o convencer, Dês me predoe!)

Foi antão que, por recomendação cá do J’ão Mateus, Lisuarte foi deixando crescer barba e cabelo, cum ligeiro prejuízo do Esmeraldino Labandeira (o que fazia de Simão de Betânia, o fariseu, lembra-se?), porque era brabeiro de profissão, cum a sua tenda mêmo ali no terreiro da igreja. Mãs a vredade é que, dia após dia, o diacho do rapaz se ia tronando uma vredadeira istampa, dessas que bem pod’ríum istar antre as páginas dum missal, — nã fosse o aperto a que teria de assujeitar-se, mê rico filho! O pior é que nim todos estávum plos ajustes q’anto a esse promenor de deixar crescer barba e cabelo. O Maurício Ferrador (o que fazia de Herodes, há de arrecordar-se), foi o prumeiro a b’rafustar: que barbas e cabelos cumpridos o imbaraçávum no ofício e le causávum uns calores e umas comichões que o desesp’rávum, e que pra (i)ele só cunsintia uns postiços, postos no próprio momento da represintação. Que havia eu de fazer? Fiz-le a vontade.

Começámos, intretanto, os insaios de leitura, e, poucas somanas dipois, os de represintação. Tinh’mos precisamente antrado neste sigundo p’ríodo de trabalho — cum inxcelentes prespectivas de resultado — vem o Diabo e ingendra uma peripeça de alto lá cum ela, que me ia deixando desm’ronado, comâ se me tivéssim atirado c’um calhau à cabeça, nim mais nim menos!

O senhor está mêmo bem aquemodado? O que ê mais desejo é que se sinta bem à vontade, comâ im sua casa. Quer que le vâ buscar uma cerveija? Outra bubida q’alquer? — Antão continuo a minha hestória, cum sua lecença.

Foi o caso de, inesp’radamente, ê ter notado uma súpita mudança no cumprotamento do Lisuarte, a modos que uma inquietação, e comâ que uma ausência de espí’rto, uma desatinação, uma certa tresteza, tanto no trabalho da of’cina comâ nos nossos insaios. Fiquei deveras preocupado, comâ (i)é natural, e, de regresso a casa (tính’mos insaiado umas tantas vezes a cena das bem-aventuranças, e a do incuntro de Jasus cum a Cananeia, arrecordo-me bem), inchi-me de munto buns modos, e de afeto patrenal — o que era aiinda mais fácele — e interroguei o rapaz, nos seguintes termos: “Que

tens tu, mê q'rido filho? É que de ontem pra hoje te aicho tanto defrente! Nim sei o que pansar. Será que tens algum problema de saúde?"

Oitras prèguntas le fiz, deste jaez. E ele, naquele selêncio que me ia matando, numa tresteza tamanha, que só le voltei a ver anos dipois, q'ando le morreu a mãe, a minha q'rida Lucinda, a quem ele era munto afeiçoado. Sem qu'ê possa saber de q'al de nós partiu o prumeiro movimento, a vredade é que bruscamente nos achámos nos braços um do outro, num estreitar munto firme de sentimentos, impossívl d'isquacer. E, a dado momento, quem pod'ria agora saber a rezão?: chorava ele e chorava (i)eu. Até que nos cuntivêmos e nos fomos assantar dubaixo daquel' grande castanheiro, lá mêmo ò lado de nossa casa. E cum isto par'çemos ligeiramente apaziguados.

Antão ele pegou a lamentar-se, porque certos desmandos da sua má cabeça iríum certamente pôr im risco o mê projeto de *A Paixão*, im qu'ê tinha posto tanto impenho. E me pidia predão plo disgosto que iria causar, nã só a mim mãs a muntos outros.

Antrou desse modo im mais íntemas cunfidências – e isto hoje num é segredo lá na Serreta, por isso nã sinto acanhamento im cuntar-le simelhantes promenores. Foi o caso de que naquela menhã le talafonara prà of'cina a Guadalupe, a tal namoradinha dos Altares, dezendo que precisava de falar-le cum a maior urgença e que pro favor lá fosse sim demora. (Nã stava (i)eu na of'cina nesse momento.) E ele, sigundo me cuntou, miteu-se na nossa carrinha, intrigado e alvoraçado, e lá foi. No incontro, que ficou cumbinado junto ao Império do Senhor Espí'rto Santo, ela, chorosa e alarmada, anunciou-le qu'istava im princípios de gravidez, e que ele era o pai da criança, porque – isso bem pod'ria ele acarditar! – num era rapariga que tivesse conhecido outros inriços d'hóme. E a minha cunsciência nim me deixaria duvedar de que ela falasse vredade e de que o mê Lisuarte estivesse na orige' daquele precalço. E ele, sigundo me declarou, imbora lamentando o cuntratempo, logo se dispusera a aceitar, a assumir aquela patrenidade, fôssim quais fôssim as consequências. Porque, herdeiro da minha bua fé, acarditou piamente na palavra de Guadalupe.

Posto assim ò corrente desta peripeça, pormeti a Lisuarte todo o apoio possívl im simelhante situação, deveras m'lindrosa. E quáise le garanti que a atitude de Lucinda, sua mãe, e inté a dos irmãos para cum ele... por certo seria a mêma. Isto par'ceu-le um alívio. Mãs nã munto duradoiro. Porque no dia seguinte, se bem me arrecordo, a dita Guadalupe, caprichosa comã são geralmente as filhas únekas (o pai era lavrador abastado), surgia cum esta inzegência: que o Lisuarte abandonasse imediatamente os insaios d'*A Paixão*. Isto porque, no dezer da menina mimada, ao ser do conhecimento públ'co que era ele e nã outro o pai da criança, ele, o "Jasus Cristo", imagine-se!, inevitávle seria que antre o povo dos Altares alguém pusesse a circular comintários chocarreiros, do género: "Antão esse *Jasus* lá da Serreta anda por' i a fazer das suas..." Cá na minha ponião, um prufeito disparte.

A vredade é que o inculpado, que p'r um lado nã gostaria de desagradar à rapariga, por outro nã q'ria faltar ò cumprimento que tinha pra comigo e pra cum todos os qu'êrum sês cumpanheiros no nosso impriendimento. Mãs a lambesgóia porsequia na sua casmurrice. Chigou mêmo a insinuar que era bem capaz d'ir ter cum pessoa que soibesse do assúinto, que, q'anto entes, a desimbaraçasse daquela gravidez.

Lisuarte, inté aí cum os nervos im frãinja, rejeitou redundamente a grosseira chantage. E cuntinuou connosco, nã falhando um úneco insaio. Coisa mais curiosa: a còlidade da sua intrepetação aprimorava-se dia a dia. E ele inté se mostrava num istado de grande serenidade. Se algum istranho tivesse conhecimento daquele drama íntemo... acharia impensávle um tã' inzeplar autodomínio. Só na somana seguinte, na sequênça de nã sei q'antos talafonemas dela pra (i)ele e vice-versa, é que Lisuarte sintiu um grande abalo, de que uma vez mais e f'lizmente se recup'rou. Isto porque a negregada da rapariga, cum requintes de malvadez, le inviou, por um criado, um bilheteinho fichado num envelope, pra que le fosse entregue naquele mêmo dia, q'ando ele chigasse prò insaio. E assim foi. Se bem me arrecordo, o papelucho dizia apenas isto: "Se calhar julgavas que ê nã seria capaz de resolver o problema. É caso arrumado, Lisuarte. Nã se pensa mai'nisso. Oitras oportunedades terei, im cundições mais aceitáveis, nã te parece? – Guadalupe."

(Dois ò três anos passados sobre estes tristes assucedimentos, a nossa heroína de trazer pro casa lá casou, c'um professô primáiro, lá dos Altares. De filhos do casal é que nã hoive nunca a mínema notícia. Só Dês saberá porquê.)

Mãs, voltando atrás nesta hestória, semp'le quero dezer que no dia da istreia, que foi quinta-feira Santa (e o senhor veio ver o ispectácl'o no domingo de Páscoa), no dia da istreia, dizia (i) eu, o criado da tal Guadalupe voltou a apar'cer na Sociadade Recreativa. Cum mais uma carta, destinada a quem? Ò Lisuarte, ora pois. E eu, que ia cum este mê filho a caminho dos camarins, achei prudente aconselhá-lo: "Farias melhor im nã abrir essa carta. Hoje, plo menos. E amenhã antão... saberás o que pretende essa menina..." / "Ora, mê pai! E quem sabe s'ela nã s'arrepindeu, se nã quer inté pedir desculpa?, se nã tinciona vir cá hoje ou por estes dias, assistir à nossa representaçã?"

Incheu-se de còrage e abriu a carta, que dizia isto, aprossemadamente: "Cunta comigo esta noite, Lisuarte-Jasus, plo menos im espí'rto. E q'ando os sòldados romanos te golpeárim e esbofeteárim,— cunforme vem na Bíblia —, fica sabendo que por'i tamém andarà a minha mãozinha. E, q'ando te cuspirim, tamém o mê cuspo te há de iscorrer plas fácias. Só tenho pena de que esses mêmos sòldados, q'ando estevérim a *pregar-te* na cruz, o nã fâçum cum pregos vredadeiros, daqueles bem fortes." Treminava assim nestes termos: "Vê lá se morres devagar, munto devagar! E se nã ressucitas entes do Juízo Final, intendido? – Guadalupe."

Ele guardou no bolso a carta insultuosa e, respirando fúindo, parceu-me espantosamente calmo e cheio de dignidade. Cumpeçou a pruparar-se, trocando as suas roupas plas do Nazareno. Caracterizou-se cum o maior cuidado. Pintou a barba e os longos cabelos, que tanto bem le ficávum, e assantou-se, aguardando a sua vez d'antrar im cena.



De q'álquer modo, — e im grande parte devido a Lisuarte —, o noss' ispectá'clo de istreia já foi um êxito istrondoso e inacreditávle. No final, a assistência, de pé, aplaudia, aplaudia e aplaudia, e assim acunteceu inté à última represintação, no domingo de Pascoela.

[...]”.



**[HISTÓRIA DA INTÉRPRETE DE SALOMÉ E SEU IRMÃO VENCESLAU] - A PAIXÃO SEGUNDO JOÃO MATEUS (ROMANCE QUASE DE CORDEL), LISBOA, EDIÇÃO INSTITUTO AÇORIANO DE CULTURA, 2011, PP. 55 A 58.**

“[...]

O senhor, se calhar, não está aí bem instalado. Cuncerte ò menos essas almofadas.— Quer qu'eu le vá buscar uma cerveija? — Pronto. Q'ando quiser... é só dezer.

Falámos antão desse grupinho familiar cunstituído plo Maurício Ferrador, os dois filhos Frutuoso e Olívia, esta pro sua vez casada cum o Manel Charamba. Ou seja, im função de papéis represintados na nossa peça: Herodes, Pedro, a Cananeia e Judas 'Scariotes. Voltemos agora ò oitro grupinho, esse que é fromado pelo brabeiro Esmeraldino Labandeira, pela Prepétua (sua mulher) e por uma filha de ambos: a ref'rida

Laurisete. O que, im language de câmbio teatral, se traduz por Simão de Betânia, Mulher de Simão e Salomé.

Ora acuntece que, devido ò sismo de 1980, o Esmeraldino acabou por emigrar tamém pròs Istados Unidos. (Isto há de ter sido uns dois anos entes d'eu cá chigar.) Trouxe a ruspetiva cunsorte e, além da filha, um filho mais velho. (Mãs esse nada tinha a ver cum a nossa *Paixão*. F'lizmente, qu'aquilha era mêmo da pele do diabo, cunforme o senhor, despois, vai perceber.) Fixárum-se ali plas redundezas de Los Angeles, mais inzactamente im Santa Mónica.

Segue-se que o Esmeraldino arrãinjou logo que fazer a bordo dum navio, e a Laurisete ficou a viver co'a mãe, mãs nã tardou a impregar-se cumo ajudante de cabeleireira, num centro comercial de Los Angeles. E a rapariga, que semp' foi munto metidicha e cunversadeira, cum aquele seu ar de descarada sim-vregonha, lá foi furando por'qui e por'li (inté porque tinha certa facil'dade n'aprendizagem do Inglês). Passárum uns nã sei q'antos anos — aí uns quatro ò cinco — e acuntece que o irmão, de nome Vencislau, que era estivador im San Francisco, tinha um camarada de trabalho (um negro de Porto Rico), cum quem muntas vezes jantava e ia ò cinema. Cinema q'aise semp' daquele mais para adultos readultos — faço-m' entender? — nã digo pra maiores de 90 anos, que nessa idade...

Ora, num detreminado dia, istávum precisamente, lado a lado, a ver um desses filmes que chânum pornográficos, e o Vencislau, là mais prò meio daquela imbrulhada, teve um baque, ao ver apar'cer no ecrã uma mulher inda bastante nova, munto platinada do cabelo, toda descascada, já im pleno inzercício das suas habelidades (que plos vistos érum im numbro avultado.)

Vencislau começa mêmo a inquietar-se. Dá punhadas nos braços da cadeira, marmura uns palavrões portugueses e oitros amaricanos, inxuga o suor da testa. E o de Porto Rico, imbora nã quisesse destrair-se do inredo — já que o desimpenho da fulaninha era digno de ser apreciado — nã quis deixar de prèguntar ò colega: “Que é que tu tens? Istás a sentir-te mal?” E o Vencislau, prèscutando calmar-se: “Cumó é que se chama esta rapariga? sabes?” O oitro, que, sigundo parece, era intindido no assúinto, segredou-le ò oivido: “Lana.” Possivemente inté de disse o nome completo: “Lana... Caprina” (É um supor.)

Vencislau aquemedou-se uma nisca de tempo. E viu aiinda mais um padoço do filme, sim deixar de, de vez im quando, descarregar punhadas nos braços da cadeira, rosnar palavrões portugueses e amaricanos, e inxugar o suor da testa.

A voz da atriz (chumemos-le assim) num le era nada familiar. Por sinal um poucadinho fanhosa. Ele havia ali grande mistério. Por isso astreveu-se a inquemodar uma vez mais o cumpanheiro: “Esta voz que se oive é mêmo-mêmo a da própria serigaita?” / “Nim penses! Isto são aves d'arribação. A voz é dobrada, e bem amaricana!” Foi antão que o nosso Vencislau, num rumpante, abalou do cinema, desferindo ameaças a (i)este mundo e ò oitro.

Agora há de o senhor prèguntar: “Cumó é que tu sabes, ó João Mateus, todos esses promenores? ‘Stavas lá, a oivir?” A minha reposta é que nã ‘stava, Mã a minha fantasia... decerto que sim...

O que se passou im seguida veio dipois nos jornais do dia seguinte. (Hoive quem me viesse amostrar um recorte e me traduzisse o que lá se dizia.) Vencislau tinha ido im cata da irmã, qu’êl’ já nã via há uma mancheia de tempo. Ela já nã morava no mêmo sítio. Mãs lá incuntruou maneira de descobrir o novo poiso da Laurisete Lana Caprina. Calhou ser ela própia a abrir a porta da residêcia—que tinha jardim e piscina—e calhou tamém que nã ‘stava o hóme cum quem ela vevia, um tal Bruce (Bruce... Lose —é um supor), artista dessa tal ispecialidade cinematográfica.

Resultado: o furioso Vencislau descarregou-le tanta pancadaria que a pobre criatura ficou deveras maltratada, e inté desfigurada por uns meses. Inda a vesitei dua’vezes emmentes ela ‘steve numa clínica de Los Angeles. O Vencislau, nat’ralmente, ‘steve preso por semelhante vantagem, Dipois disso, dízim-me que já se miteu numas trafegâncias de drogas, das pesadas, e, ò que parece, ‘stá oitra vez detido. Infim: vidas tristes. Mãs olhe o senhor que a Laurisete recuperou o sê bum aspeto e nã desistiu da brilhante carreira cinematográfica. Já me dissêrum que, mêmo sim ter d’ir a (i)esses cinemas ispecializados, ê pod’ria ver a dita Lana (Caprina?) numa gravação de vídeo. Mãs nã ‘stou int’ressado. Não é qu’ê seja puritano (munto lõinge disso), mãs, já agora, velho comâ ‘stou, prefiro gardar o mais possívle as gratas recordações das pessoas cum quem me foi dado cunviver. Será que tenho rezão?

[...]

**[HISTÓRIA DAS PERDIDAS FOTOGRAFIAS DA CALIFÓRNIA] - A PAIXÃO SEGUNDO  
JOÃO MATEUS (ROMANCE QUASE DE CORDEL), LISBOA, EDIÇÃO INSTITUTO  
AÇORIANO DE CULTURA, 2011, PP. 85 A 88.**

[...]

E o senhor há de ‘sculpar que, assim num repente, tenha de ser testemunha destas minhas lágremas. Isto são coisas im que ninguém governa bem dereitamente. Farto istou eu de olhar estas fotografias, do noss’ispectác’lo, e agora, bem descuntravuntade, é o que e vê. Fraquezas a que um home nã resiste. Nã semos tanto fortes q’anto nos parece. É que me viêrum à alebrança aquelas oitras fotografias, munto mais antigas e relacionadas cum os velhos tempos da minha família. Refiro-me a umas dúzias delas, munto estimadas e que, inf’lizmente, lá ficárum tamém nos iscombros da nossa casa da Serreta. Aquilho é que foi mêmo uma disgrácia! Mãs paciência! Haija vida e saúde.

Incaminhando melhor a cunversa, cunvém dezer que, minado ò sismo de 1980, formos todos verer para uma velha casa desòcupada, que mê primo Diogo (Dês le dê Céu!) teve a bundade de pôr à nossa desposição. E a minha mãe (Dês le dê Céu!), já cum

noventa e um ano, que tinha vindo a preder a vista inté que ficou ceguinha de todo, gostava munto d’istar assantada no quintal, ò fim da tarde, dubaixo da latada de vinha de cheiro. Ora, nesta oitra casa d’impréstimo num havia vinha de cheiro. Mãs era uma latada grande, de maracujais. E minha mãe, habituada cumo ‘stava a que a Lucinda (Dês le dê Céu), sua nora munto estimada, viesse assantar-se um instantinho ò lado dela, a fazer-le cumpanhia, pedia-le muntas vezes que fosse buscar a caixa de cartão im que se guardávum as velhas fotografias d’Amér’ca. Velhas, que digo eu? Veilhíssimas! Veija o senhor. Minha mãe nasceu im 1890, aqui munto perto, — que 50 ò 70 quilhómatros aqui não é nada!— im Fresno. Nãinja a cidade improtante que hoje tão bem se apresenta. Um lugareijo que gatinhava por’li numa incosta. E ali viveu inté à idade dos 12 anos, altura im que os mês avós regressárum à Treceira, dunde érum naturais.

Ora Lucinda oivira vezes sem conto minha mãe esmüçar todas aquelas hestórias do saudoso rãincho da sua infância, tanto bem dec’mentadas ns velhas fotografias. E um certo dia, istávum as duas assantadas ò fresco dubaixo dos maracujais (Lucinda aproveitava o tempo a bordar nã sei lá o quê, que sempre foi munto prendada de mãos), e diz minha mãe qu’ela havia d’ir buscar as tais fotografias do rãincho, que munto le apetecia recordar aqueles tempos felizes do Vale de Sã’ Joaquim. Lucinda (sigundo òsdepois ela me cuntou), ficou pra morrer. Isto porque nã le q’ria dar a notícia de que as suas queridas fotografias havíum ficado soterradas nos iscombros da nossa casa. Mãs lá foi dar uma volta plo quarto de cama e plo sótio, sim saber cumo hav’ria de sair de semelhante imbaraço, que nunca se tinha visto im tais macaréus. O certo é que, revirando numas arcas e nuns almários, incuntruou umas q’aisquieres fotografias que nada tñhum a ver cum o assúinto, inté arrebanhou uns postais da Treceira, bem dos nossos dias (mais que suspeitos, por sêrim c’loridos, imagine o senhor!, mãs prò caso tanto fazia.) Por sinal vinhum tamém duas ò três fotografias desta nossa *Paixão*.

Volto Lucinda da sua prècura precepitada, certamente rogando a Dês le predoasse o imbuste bem-intencionado, e tronou a assantar-se ò lado de minha mãe. Tremíum-le os dedos e sumia-se-le a voz, cumo é natural, de ver-se involvida naquela mintira piadosa, sua vredadeira boia de salvação.

Minha mãe, coitadinha, q’ria sentir bem presentes, bem nas suas mãos, aquelas provas do sê passado, da sua infância. E logo las pediu, cum munto impenho e insistência. Mãs Lucinda, arreceando-se de que ela inda pudesse ter vislumbre do que realmente ali ‘stava, ateimava im sigurá-las, e a prudente distância. “Pra que é que as quer, minha mãe,” (nunca a tratou por sogra), “se Dês Noss’ Senhor já nã le permite a graça d’apreciá-las com os próprios olhos?” Mãs perante a cuntinuada teimosia, sempre las poisou no colo, desposta òs desejados comintários e esclar’cimentos. Antão a minha Lucinda, mais sigura do sê papel, ia manuseando e passando as fotografias, uma a uma. E dizia, por inzemplo (é um supor, já se vê): “Ist’aqui é no dia da matança do porco. ‘Stá o porco já chamuscado e lavado, istindido no banco, dubaixo da nogueira do quintal. E Mestre Emanuel” (meu avô materno, protanto) “e a sinhora Natividade” (minha avó) “ ‘stão a servir vinho e

biscoitos de massa sovada a uma mancheia de cunvidados. Q'anto à menina Matilde" (ref'rência à minha mãe) "'stá com o gato ò colo, fazendo-le fosquinhas na cabeça." Isto dizia minha soidosa mulher. E o que realmente se via no postal era, já bem nos nossos dias, uma c'roação do Devino Espír'to Santo a sair do Império da Serreta.

"E aqui 'stá oitra vez Mestre Emanuel, a tratar dos bezerros," dizia a Lucinda. E o que lá se podia inxergar era o Esmeraldino Labandeira numa toirada no Raminho, por sinal ao ser apanhado pla valente cornadura da alimária im pleno rabiosque.

E, porque não há duas sem três (comâ se questuma dizer — e é para acabar), ingendrava aiinda a generosa trapaceira: "Esta fetografia foi tirada no dia im que Mestre Emanuel e a sinhora Natividade festejávum os 10 anos do sê casamento. E 'stá ele muntado num cavalo preto, e ela, a pé, sigurando à rédea um cavalinho branco, em que vai escarrãinchada a menina Matilde." (E o que aqui se pode ver, na vredade, é, na nossa *Paixão*, a antrada triunfante de Jasus Nazareno — linda fegura a do Lisuarte! — arrecebido plo povoredo de Jarusalém, cum palmitos e ramos d'incenseiro).

[...]"

#### **CONTO - EXORTAÇÃO A UM HOMEM RENASCIDO (2010. INÉDITO), PARA AIRES REIS**

"Agora, meu pai, vai ser preciso muito cuidado. Veja lá se, por um simples descuido, uma tontaria qualquer, deita tudo a perder!"

Esta tão apreensiva recomendação era de Isidro, que naquela tarde de junho havia acompanhado o pintor Herberto Alvarim à moderna clínica Centroftalmo e ali aguardou que ele fosse operado às duas vistas. Acabava de reconduzi-lo à velha casa da Penha de França, onde ele vivia normalmente sozinho, aos 65 anos, viúvo de Eunice, falecida de cancro. Não dispensava porém o consagrado artista a preciosa ajuda duma mulher-a-dias, romena (ou moldava?) duas vezes por semana, para tarefas menos apeteceíveis, como as limpezas e arrumações. Quanto ao engenheiro naval Isidro Alvarim, esse habitava uma aparatosa vivenda de beira-mar, com a jovem esposa e um filhote e 4 anos.

"Não querendo tornar-me impertinente... mas conhece bem a minha franqueza..." disse o engenheiro, preparando para os dois um sumo de laranja. "Quem sabe se não seria mais prudente, mais aconselhável, enfiar na maleta meia dúzia de pertences mais necessários e vir comigo até Oeiras? Sempre se haveria de sentir menos desacompanhado, mais protegido..."

"Ora, ora. Não quero, de modo nenhum, que tu e a Mercedes se preocupem demasiado comigo. Esta intervenção cirúrgica, de que cheguei a ter algum receio, confesso, acabou por correr maravilhosamente em todos os aspetos. E queres saber o que eu disse ao Dr. Orlando Aguilar e à sua equipa, terminado que foi o trabalho operatório?"

Isidro interrompeu a espremeção do fruto suculento, para melhor escutar a revelação. "

'Estive aqui, podem acreditar, muito mais à vontade do que na cadeira dum barbeiro.' — Riram-se, satisfeitos, quase tanto como eu próprio."

Do mesmo modo divertido com aquela saída bem-humorada, retomou Isidro a preparação da bebida. E o pintor acrescentou, quase desnecessariamente: "Não ignoras que sempre detestei que me fizessem a barba! (Depois de morto, em preparativos de velório, talvez isso me incomode um pouco menos.)"

Iam sorvendo o sumo de laranja e, como complemento, mastigando uma mistura de passas, pinhões e pistácios, que Herberto fora buscar a um armário da casa de jantar. E o generoso Isidro tornava a insistir na proposta de levá-lo para Oeiras, recebendo sempre do pai a mesma resposta: de que não; ficaria muito bem sozinho. Caso surgisse algum imprevisto, algum problema, então telefonaria. E aceitava, sim, ir passar o fim de semana com o filho, a nora e o neto. Pois não obstante ouvir tão tranquilizadoras palavras, prometeu o engenheiro voltar a visitá-lo no dia seguinte. Com a mulher e o miúdo...isso talvez mais para o meio da semana. Quarta ou quinta-feira.

"Vai descansado, meu filho, e não prejudiques a tua vida por minha causa. Já foi uma grande ajuda teres-te disponibilizado, pedindo dispensa lá na empresa..."

Isidro depositou um beijo na face do pai e dispunha-se mesmo a sair. Mas suspeitou que o sol de junho, tão copiosamente disperso pelos móveis e pela alcatifa, não seria muito propício à convalescença paterna e logo se apressou a correr o reposteiro, deixando-o apenas entreaberto. "O pai faria bem em estender-se aí no sofá, a repousar. Na minha modesta opinião, nada de leituras, de forçar a vista a ver televisão, de enfronhar-se no computador..."

"Pois sabes o que me disse o Dr. Aguilar?" E pausou um instante. "Que fizesse desde já a minha vida normalíssima. Só me recomendava que ainda hoje não conduzisse. Respondi-lhe que não teria essa tentação." Fez outra pausa de efeito. E completou o motejo: "Porque nunca tivera automóvel... nem carta de condução."

E não tardou que o automóvel sempre disponível do engenheiro arrancasse lá fora.

Aproveitou Herberto esta circunstância para deslocar-se à casa de banho. E, embora esse não fosse o motivo, inevitável lhe foi o examinar-se ao espelho. Desvendaram-se-lhe então umas rugas de que não tivera a mínima perceção. Também os cabelos brancos lhe pareceram assumir mediana representatividade. Mas nem uma coisa nem outra o preocuparam sobremaneira. Depois, ao escovar os dentes (porque havia almoçado fora com Isidro), achou que, antes do prometido repouso, deveria deslocar-se à farmácia, ali muito perto, a buscar os medicamentos prescritos pelo cirurgião.

Não gastou um quarto de hora. Despiu então a camisa e as calças. Decidiu ficar apenas com um quimono de seda fina sobre a roupa interior. E voltou à sala de estar, para alongar-se bem à vontade no sofá, aplicar às vistas, alternadamente, os dois colírios que trouxera e deslizar numa ou duas horas de tranquilidade absoluta.

E diz agora o onisciente e onipotente autor da história (que acumula funções de narrador): “Ah, vais estender-te no sofá, a descansar? Que momento haverá mais indicado e oportuno para desencadear as tuas memórias de novíssimos acontecimentos?”

Nesta conformidade (e em retrocesso), digamos então que tinha o nosso pintor decidido, finalmente, arrumar uns livros de arte dispersos por um lado e outro. E, subindo a um escadote, para alcançar as prateleiras mais altas, aconchegava os óculos no nariz. Eis senão quando (caso nunca visto!) como diria o poeta Nicolau Tolentino, permanecendo em seu lugar uma das hastes, com a respetiva lente, a outra, com a lente do lado direito, precipitou-se atabalhoada no rebordo do armário da estante e acabou por ter feliz acolhimento no chão espessamente alcatifado. “Pronto. Desta vez é que é,” pensou Alvarim. Pois ele havia males que vinham por bem. Agora teria mesmo de ir ao Instituto Santa Luzia, substituir aquela geringonça; adquirir óculos mais apropriados à situação atual, já que a progressiva deficiência visual dos últimos tempos a isso mesmo aconselhava.

E, sendo isto num fim de semana, claro que teria de remediar-se até que o assunto fosse levado a bom termo, logo a partir da próxima segunda-feira. De qualquer modo, não se havia desfeito dos óculos de aro dourado, imediatamente anteriores; cujo alcance, em matéria de eventuais “desnevoamentos”, era bem reduzido, como seria de esperar. Ora, se os óculos sinistrados estavam um tanto ultrapassados, os precedentes estariam seguramente ultrapassadíssimos!

Digressionava o nosso pintor nestas cogitações miudinhas quando o telemóvel, pousado mesmo nas costas do sofá, se fez anunciar com uns compassos eletrónicos da Marcha Turca de Mozart, preludiando a voz afetuosa de Urbínia Monsaraz, a bem conhecida e conceituada galerista de artes plásticas.

Olhou o radiante visor do aparelho e surpreendeu-se com as sete letras de Urbínia. “Ora viva!” exclamou ele, e sorriu de bom grado.

“Viva! digo eu também, Herberto! Sempre é verdadeira a notícia que me transmitiram há instantes? que ias ser...”

“Operado à vista? Já fui. Dito e feito. Como soubeste?”

“Disse-me a Fernanda, minha secretária. Que tinha falado com um dos nossos pintores exclusivos: o Carlos Mascarenhas. Pensavas que o teria lido no *New York Times*?”

“Ou mais provavelmente na Gazeta do Olvido.”

“Se há quem tenha culpas no cartório...”

“Do meu quase desaparecimento do mundo das Artes... sou eu culpado, antes de qualquer outro.” Fez uma pausa. E completou a declaração: “Eis-me, porém, um homem renascido!”

“De veras? Pois muito me alegro, como podes imaginar!”

“Obrigado, Urbínia. – Onde é que estás, se não é indiscrição?”

“Algures, já muito próximo de Coimbra. É que venho do Porto. – Mas falemos do mais importante: Como correu então a intervenção cirúrgica?”

“O meu fraco entendimento nestas matérias diz-me, mesmo assim, que tudo correu impecável e maravilhosamente. – Foste à ‘Invicta’? De comboio?”

“Agora só levo o automóvel no caso de estadias mais prolongadas.” E contou-lhe que tinha ido apenas por três dias, para dar alguma assistência àquela sua segunda galeria de arte (que, inaugurada há mais de quatro anos, Herberto ainda não conhecia).

O artista deu mostras de rejubilar-se com o particular cuidado e a gentileza de Urbínia. Lamentavelmente, naqueles últimos cinco ou seis anos já ele lhe não aparecia na Galeria Alicerce, em Alcântara, onde expusera com razoável assiduidade, digamos que por todo o decurso da década de 90.

E a enérgica, laboriosa galerista ainda guardava nas suas reservas algumas obras dele (muito poucas), daquela fase dita “de transição”, de um figurativismo abstratizante.

Natural que houvesse ali uma súbita convergência de gratas recordações, de afetuosa pensamentos. Pelo que não tardou que se manifestasse o impaciente desejo de se reverem um ao outro.

“Porque não ainda hoje?” perguntou Alvarim.

“Credo, homem! Por mim não haveria problema. Mas tu, creio eu, hás de precisar dalguma tranquilidade, para uma rápida e proveitosa recuperação...”

“Ora, ora. O prático e experiente cirurgião logo me disse que fizesse a minha vida normal, tudo como habitualmente.”

Então, perante a insistência do artista, deu-lhe Urbínia Monsaraz a sua concordância. Mal chegasse a casa e perguntasse como corriam as coisas na Galeria (sediada no mesmo edifício), de pronto iria fazer-lhe uma visitinha. Passaria entretanto por um restaurante da sua frequentação e levaria algo que pudesse servir-lhes de jantar.

“Pois muito bem, cara amiga,” disse Alvarim, “alegro-me muito com a tua generosa e prodigiosa Visitação... Estou a falar bem? A Visitação de Santa Urbínia a um Lázaro das Tintas e Pincéis!”

Ela finou-se de riso. E ele: “Até logo. Não venhas muito tarde.”

“Farei os possíveis.”

“Agora já te verei com bons olhos, acredita.”

“Espero bem que sim.”

Despediram-se os nossos protagonistas. E Herberto, com o ânimo ainda mais reforçado, ergueu-se e dirigiu-se ao modesto ateliê. Ligou o computador e lançou uma vista de olhos pelo correio eletrónico. Nada de muito importante ou de urgente resposta.

Depois, como se uma vez mais quisesse pôr à prova a nova capacidade visual, deu-lhe para esquadriar o seu próprio site na Internet, algum tanto desatualizado, é certo, mas em que abundavam, como é natural, excelentes reproduções de obras suas. A perda de pertinência daquelas páginas desgostava-o quase como um sinal de haver parado na carreira artística. Lamentável, o facto de nos últimos anos, a bem dizer, não ter produzido



obra que valesse a pena ser mostrada, depois de algum fulgor criativo em períodos anteriores.

la revendo quadros seus, de várias fases, disseminados por muitos museus, galerias e coleções particulares de Portugal e outros países da Europa, do Brasil e dos Estados Unidos da América. E procurou mesmo um dos seus preferidos, (“de antanho”, como ele gostava de chamar aos recuados tempos da sua criatividade), em que a doce Urbínia, na esplendorosa nudez dos seus vinte anos... Um quadro de média dimensão que ele próprio oferecera à retratada, seu modelo mais frequente (ou quase exclusivo) entre 1981 e 1983. E ela sempre disse ter em grande apreço aquele retrato que, sem qualquer receio de escandalizar algum visitante mais pudibundo, mantinha bem visível em casa, a um lado da secretária do escritório.

Com redobrado prazer ordenava Herberto Alvarim o desfilar daquelas imagens que tanto lhe diziam (por si mesmas, como obras de arte, ou pelas gratas recordações que lhe suscitavam), agora que se sentia bastante mais capaz de as apreciar devidamente. Do figurativo mais académico ao abstrato mais insubmisso e espontâneo, quanto caminho andado! (Com alguns acidentes de percurso, é certo.) Pois já nem se lembrava de toda aquela riqueza cromática, dos suaves matizes às cores mais intensas, vibrantes!

Sem desligar o computador, regressou à sala de estar. Voltou a estender-se no sofá, absorto nas suas recordações.

Intervém uma vez mais o autor-narrador onnipresente, onisciente e onipotente: “Isso! Era isso mesmo o que eu desejava que fizesses! De qualquer modo, Urbínia terá ainda a sua demora. Ou talvez não. As demoras em ficção narrativa, – e ainda bem! – não são duradouras, prolongadas quanto as da vida real. Entretanto, Herberto, vai recordando, vai reflexionando. Um pequeno contributo: Já apreciaste a nitidez da tua foto matrimonial?...”

É então que, na sequência de semelhante incitamento, Herberto Alvarim, de novo refastelado no sofá, dirige o olhar para a referida foto, magnificamente emoldurada e suspensa na parede mesmo em frente. E, coisa com a qual já não se surpreende mas de que na verdade se alegra sobremodo, consegue observá-la em mínimos pormenores. Eunice e Herberto impecáveis de elegância nos seus trajes nupciais, irradiando ambos uma indescritível, infinita felicidade.

Depois, na plácida recordação do artista, o repentino e doloroso contraponto: a imaginária figuração daquela esposa exemplar, trinta e seis anos depois, amortalhada em caixão de mogno, entre círios acesos e numerosas coroas de flores, na presença de tantos parentes e amigos de ambos. Sem que pudesse esquecer Urbínia, pois com certeza.

Rememorando o verdadeiro calvário que foram os anos antecedentes à morte daquela mulher adorada, constatava como se lhe havia reduzido consideravelmente a produção artística. Convertida em quase nada, a bem dizer. Só queria estar ao lado dela, fazendo-lhe companhia.

Um ou dois anos depois desta perda, que lhe parecia irreparável, era-lhe mais e mais perceptível o agravamento das cataratas. Por estas consecutivas razões isolava-se muito. Quase não comparecia na inauguração de exposições. (Urbínia bem lhe enviava os habituais convites, pelo correio normal e por correio eletrónico.) Deixara de ir aos concertos musicais, ao teatro, ao cinema. Raramente os parentes e os amigos o convenciam a juntar-se-lhes, em algum convívio. No âmbito familiar, digamos que o casamento de Isidro e o consequente nascimento daquele seu neto, logo no ano seguinte, terão sido as exceções de maior notoriedade social.

Mergulhava ainda nestas cogitações quando, no declinar do dia, cerca das 9 horas, chegou Urbínia. Bem-disposta e dinâmica, incansável como sempre.

Rondava a galerista os quarenta e cinco anos. Deixou numa cadeira os embrulhos que trazia. Cumprimentaram-se então ela e Herberto, jubilosamente, com abraços muito afetuosos e intercâmbio de beijos nas faces.

Sobre esta anunciada visitante convém pelo menos dizer que entre 1983 e 1985 (tendo ela então 18-20 anos) frequentou, com invulgar devoção, o primeiro ateliê de Herberto Alvarim, em Campo de Ourique.

(Descarada ironia do autor-narrador, debitando semelhantes informações, enquanto os protagonistas... esperam. Mas não haja preocupação. Estão ainda abraçados. Comedidamente. Por enquanto. Depois, logo se verá. Ora, uma imagem “paralítica”, se me é permitida a expressão.)

Depois de 1985 – e até 1990 – trabalhou Urbínia numa galeria de arte (cujo nome nem me dei ao trabalho de inventar) e estudou belas-artes, até que uma surpreendente herança recebida, por parte duma tia e madrinha, lhe permitiu criar a sua própria galeria. E logo fez finca-pé, como era natural, para que Herberto Alvarim fosse um dos artistas de mais evidência ali representados. E ele, pela grande afeição que sentia por ela, aceitou o desafio e trabalhou com determinação para o efeito. Os prémios, a repercussão nacional e internacional não se fizeram esperar. Entretanto, sem fazer muito por isso, foi passando duma pintura figurativa já de muito ousada definição a uma pintura assumidamente abstrata.

Altó! Agora o autor-narrador adivinha que vai retinir o telemóvel de Herberto Alvarim. E desde já pode anunciar que se trata duma chamada de Isidro. Pelo que permite ao pintor e à galerista recuperarem a palavra e o movimento.

“Olá, Isidro,” disse o pai, “por aqui tudo a correr muitíssimo bem, às mil maravilhas.”

“Ótimo, ótimo. Pelo sim e pelo não, sempre quis certificar-me.”

“E sabes tu quem se dignou deslocar-se à Penha de França, para visitar-me?”

“Não faço a menor ideia. Quem poderá ser?”

“A sempre formosa e adorável... Urbínia Monsaraz!”

“Ui! Quem diria?! E que desastrado eu fui (embora involuntariamente) em querer à viva força privá-lo de tão agradável companhia...”

(Muito desejável é que fique no leitor – embora apenas sugerida por este fazedor de histórias – a ideia de que Isidro teria em grande apreço uma aproximação amorosa, ou mesmo conjugal, de Herberto com Urbínia.)

Mas retomemos o diálogo entre as personagens principais, que, pelos cálculos da galerista, haveria bem uns dois anos que não se encontravam.

Contou-lhe então o artista aquilo de que ela (e até os parentes e amigos mais chegados) não tinham o mínimo conhecimento: as cataratas de que sofria há vários anos. Do enevoado progressivo da vista direita, determinando absoluta invisibilidade, para além duma sombra translúcida. Mais: o enevoado da vista esquerda adiantava-se também algum tanto.

Incómodo particularmente irritante era o que lhe provocava a luz do Sol ou qualquer outra luz muito forte. Via de maneira indistinta as pessoas e os objetos. Só quando um autocarro se chegava mesmo muito perto é que conseguia divisar-lhe o destino.

Por vezes esbarrava com alguém que lhe surgisse pela direita. E algumas pessoas se queixavam de lhe terem acenado uma saudação que ficara por retribuir.

Na quotidiana leitura de livros ou jornais – e o mesmo se diga de frequente pesquisas na Internet – não deixava de ter a impressão de que os textos se lhe apresentavam em cinzento escuro, nunca em preto, como seria o mais normal. No seu trabalho pictórico, receando haver perdido a noção exata da intensidade das cores, evitava aplicá-las demasiado fortes e vibrantes.

“Meu Deus!” exclamou Urbínia Monsaraz, “nunca imaginei que pudesses ter esses problemas!”

“Nem mesmo o Isidro, por exemplo. Isto para ele foi novidade absoluta.”

“Caramba!” tornou a galerista. “E é que nunca ouvi, devo dizer, o mínimo comentário a esse possível desacerto cromático.”

“Ele há de haver três semanas, arrumando uns livros de arte no ateliê, deu-me para aconchegar os óculos no nariz (óculos desatualizados, confesso), que, sem qualquer pré-aviso, se desconjuntaram. Eram daqueles muito elegantes – não sei se te recordas – sem aro. De modo que, a título provisório, tive de recorrer aos imediatamente anteriores, esses, então, ultrapassadíssimos. Uma calamidade! Ainda aguentei uns dias, com a dificuldade que poderás imaginar! mas não tardei em decidir-me a recorrer ao habitual Instituto Santa Luzia. O técnico, muito amável, que me atendeu e observou com os devidos aparelhómetros, evidenciou a sua honestidade: Seria desperdiçar dinheiro pretender apenas uma atualização dos óculos, sem remediar o que na verdade era bem mais importante: a operação às duas vistas. Fiquei inquieto. Cataratas! No entanto não me foi difícil concordar. Pelo que ele próprio me pôs em contacto com um especialista de renome: o cirurgião Dr. Orlando Aguilar. O qual, recorrendo apenas à anestesia tópica, me operou esta tarde, logo depois de almoço.”

Tinham-se assentado entrementes: ela, num sofá; ele, num maple transversal, e concretizou: “Quando o dito cirurgião me falou em operar-me às duas vistas de uma vezada, não escondi uma ligeira preocupação. Mas acabei por manifestar-lhe a minha inteira confiança.”

E a dado passo, Urbínia: “Sendo assim, temos então um pintor... remoçado... e revigorado... ia a dizer: renascido!”

“Pelo menos assim me sinto, na verdade. Vamos a ver se isto não é um efémero, transitório sentimento.”

“Ora, ora! Quantos dias te disse o exímio cirurgião que deverias descansar?”

“Nenhum. Disse-me que poderia ter, de imediato, a vida absolutamente normal. A verdade é que, para vergonha minha, no plano artístico, não tenho feito coisa que se veja.”

Ela ergueu-se e, com um sorriso traquina e malicioso: “Ouve bem o que te diz a tua amiga e diligente galerista, Urbínia Monsaraz de seu nome: Até ao fim da semana... uns diazinhos de desejável recuperação. Principalmente psicológica. Quando muito, irás dando uma vista de olhos pelo ateliê, a averiguar se tudo está em ordem para um trabalho... porfioso, perseverante, persistente.”

Ele cruzou os braços, olhando-a um pouco de través, em jeito de amistoso desafio: “Como assim, Senhora D. Empresária das Artes?”

E ela: “Vamos lá a ver se chegamos a um acordo vantajoso para ambas as partes, meu caro Herberto Alvarim. E se poderemos anunciar uma exposição de obras tuas já para os fins de setembro, princípios de outubro...”

“De momento, não sei o que pintar. Nem como.”

“E terei de ser eu a ensinar-te? caramba!” Deu uma volta pela sala, saracoteando os braços. “Porque não fazes, por estes dias, um estudo minucioso... das pétalas das orquídeas da Colômbia e da Nova Guiné... ou das asas das borboletas de Samatra e da Amazônia? Que melhores motivos poderias tu procurar para a pintura abstrata a que chegaste? e muito bem!”

\* \* \*

Por certo que o leitor não ficará indiferente à circunstância de Urbínia, no seu viçoso jardim da residência de Alcântara, dispor de um vasto pavilhão quase desaproveitado, o qual, sujeito a obras de criteriosa adaptação, bem poderia tornar-se o novo estúdio ou ateliê do artista. E, mudando-se ele para aquela casa que passaria a ser de ambos, poderia usufruir da contemplação direta e permanente do retrato que lhe era tão predileto, bem como daquele “ser adorável” que, nos tempos “de antanho”, lhe servira de modelo.

(Bem fundamentados, os argumentos da sapientíssima senhora.) E a verdade é que, vendida que fosse a velha casa da Penha de França, (era um argumento dele, por enquanto reservado em pensamento), daí adviria o suficiente para as obras do estúdio e para uma decente e decorosa celebração matrimonial.

E por aqui me fico eu, narrador desta comovente história de final em aberto à imaginação dos leitores, versando a vitalidade dum homem “renascido”, na perspectiva dum amor um tanto... tardinho, mas seguramente bem-vindo.



## **SOBREVIVÊNCIAS**

Próprio há de ser da humana condição  
querer deixar vestígios de passagem  
sobre a Terra.

Pretenderão alguns sobreviver  
na catedral, na casa construída,  
ou no túmulo até, gloriosamente edificado;  
outros, talvez, na árvore plantada,  
no filho procriado.

Do poeta direi que vai lançando  
ao campo livre insaciável do papel  
a escolhida semente das palavras precisas,  
das palavras plenas.

Vive o poeta  
na segura certeza de morrer;  
porém  
um pouco menos.

## **NATUREZA-MORTA**

A mesa de jantar parece agora enorme,  
agora, mortos que foram alguns parentes queridos,  
outros dispersos por esse vasto Mundo.  
Que pena não ser mesa de encurtar,  
que assim, aconchegada à solidão presente,  
ficaria discreta, mesmo assim razoável,  
bem ao centro da sala, ela própria, também,  
excessiva de espaço  
e de silêncio.

Isto pensa a mulher. E aperta uma vez mais  
o xale no regaço.

Lá fora é primavera, com pássaros e flores.  
E o Sol, timidamente, espreita pela janela,



através da cortina,  
e põe manchas de luz na toalha de renda.

Numa taça de vidro, os primeiros morangos,  
que a mulher, de manhã, foi colher ao quintal.  
Pois agora ali estão, os primeiros morangos,  
prometidos à filha, a visita aguardada.  
Que há de vir esta tarde. Ou talvez esta noite.  
Ou talvez amanhã. Prometeu que viria.  
E virá certamente.

(Há que dizer, no entanto: a primavera chama,  
perturba a juventude e convida ao amor,  
numa praia qualquer.)

É bem triste que Deus tenha feito os morangos  
tão sensíveis, tão frágeis!  
Na sua beleza, vão ganhando bolor,  
e logo apodrecendo,  
numa taça de vidro ou cristal de Veneza.

---

### MARGEM CREPUSCULAR

A Tsuneo Matsumoto.

Um discreto rumor. Gotejam as palavras  
no limiar da noite pressentida.  
Virás tu, Poesia, ansiada mensageira,  
num voo de gaivota, no quebrar duma vaga?

Demora-se o crepúsculo um instantinho mais,  
até que esta criança tenha dito,  
na linguagem de conchas alinhadas,  
o que tem a dizer.  
(Tal como eu o faço com as palavras.)

Com pouco se entretém esta criança.  
E da mínima coisa faz o poeta o seu canto.

---

### POEMA INCÓMODO

Homens do litoral e da montanha,  
cujos pés conhecem a terra,  
no calor e no frio;  
homens que lavram pântanos e pedras,  
e seguem os primitivos conselhos de Virgílio;  
homens que semeiam esperanças  
e recolhem desesperos e suspiros.

Na estação do outono vos espera  
o comboio do longo inverno em que estareis ausentes.  
Levai convosco guitarras e violas,  
companheiras de saudades e silêncios.

Até quando tereis de construir  
as cidades alheias, as cidades crescentes?  
Até quando serão as vossas mãos  
a riqueza da terra que vos não pertence?

---

### A CORRIDA

À sombra duma árvore,  
aberto,  
o livro de poemas irlandeses.  
E, na margem esquerda duma página,  
surge,  
do nada,  
um pequeníssimo inseto,  
na verdade minúsculo,  
extremíssima ponta cortada de alfinete.  
(Lá terá o seu nome. Ou talvez não.)

Repentino, lançou-se  
em corrida veloz, desenfreada,  
na branca, luminosa pista do papel.

Aceite o imponderável do seu corpo,

se tal comparação acaso é permitida,  
atinge um andamento inusitado,  
digamos que ultrapassa o avestruz  
lançado na imensidão australiana.

— Ganharás a corrida, Fittipaldi!  
(Até por não haver competição!)

Seja isto, portanto, em teu louvor.  
Porque em poucos segundos percorreste  
a enorme distância de 10 versos!

---

**POEMA DO AMOR DESMEDIDO (PARA OUTREM DIZER, NOUTRO TEMPO E LUGAR:  
NA PEÇA TEATRAL VIAGEM A DAMASCO)**

De tal modo me vejo transtornado,  
agora, que vos tenho por destino,  
que não posso viver no desatino  
da minha condição de apaixonado.

Prodígios pode haver, e de tal forma  
que toda se ressinta a Natureza.  
Não acharei motivo de estranheza,  
eu, a quem vosso olhar assim transforma.

E tanto se me dá, senhora minha,  
que o Sol venha nascer no Ocidente.  
Porque outro não verei, senhora minha,  
que este que sempre vejo à minha frente.

---

**NEMÉSIO, MEU AMIGO**

Mestre Vitorino Nemésio,  
doutorado em Poesia.  
Raízes no mar ilhéu  
e no vento a voz sentida.

De quando em quando recebe

notícia da ilha ausente,  
que, de saudade ferida,  
sua ausência não consente.

O seu cavalo o espera,  
brilhando na noite escura,  
ruminando palha fina,  
com algum verso à mistura.

Espera-o a viola certa,  
para o concerto do dia,  
com as mãos de quem inventa  
claros sinais de alegria.

E com seu ar descuidado  
de quem deixa a porta aberta,  
abre o silêncio – e a palavra,  
a sua melhor oferta.

Senta-se ao lado do povo,  
a quem chama seu amigo.  
Do Brasil o estão chamando:  
Parte, seu hábito antigo.

Servidor da Poesia,  
servidor de quem o serve,  
prolonga o canto da vida,  
enquanto a vida se escreve.

---

**FERNANDO PESSOA, MENINO, NO SEU PASSEIO EM ANGRA**

Senhora de muitos dons, de muitas prendas,  
que sabe tricotar conversações brilhantes  
em pontos de Francês, Inglês, Alemão,  
D. Maria Madalena, há bem pouco chegada  
de Durban e Lisboa,  
sai da casa paterna, em passeio matinal,  
a recobrar lembranças da infância e juventude.

Não vai porém sozinha: acompanhada, sim,  
de Fernando (Pessoa), o seu filho menino.

A cidade é pequena, reclinada  
à beira-mar, diversamente histórica,  
de muitos heroísmos carregada.  
E Fernando (treze anos) pergunta mais e mais,  
que tudo quer saber. A mãe responde,  
evocando figuras, apontando os lugares.

João Corte-Real, donatário de Angra  
(que alguns afirmam precursor de Colombo nas Américas);  
outros do mesmo sangue, também daqui seguiram,  
buscando as terras verdes do Norte Ocidental.  
Vasco da Gama e quantos, na sequência,  
foram à Índia e por aqui voltaram.

Nas águas da baía acolhedora  
dir-se-ia haver... recados de outras eras:  
um rebrilhar de luzes submarinas,  
talvez sinais de malogrados capitães  
de navios naufragados.  
A menos que se trate justamente  
dos tesouros de Filipe de Espanha, segundo de seu nome,  
— ouro e prata —, no México e no Peru arrebatados,  
em galeões altíssimos trazidos,  
por corsários famosos cobiçados:  
um Francis Drake, ou mesmo o Conde de Essex.

Após a resistência a rendição.  
Agora um forte, filipino abraço de pedra escura,  
fortaleza maior do mar Atlântico,  
aperta para sempre aquele monte,  
a suave península estrangulada:  
Prisão de um fraco rei, Afonso VI,  
e do régulo vátua Gungunhana.

Nas ruas amplas da cidade  
parecem ressoar ainda os passos  
decisivos

das tropas liberais de Pedro IV.  
Com elas vai Garrett, soldado, militante  
da Liberdade,  
porque na ilha Terceira, sua pátria adotiva,  
venerada desde a infância,  
sentiu a vez primeira a voz da Poesia.

Angra do Heroísmo,  
com sua arquitetura harmoniosa,  
regorgita de festas  
consagradas ao Divino Espírito Santo,  
com seus “impérios” coloridos  
e touradas à corda.  
Tudo tão vivo, e afinal tão nosso!  
E o menino Fernando parece aborrecer  
a vitoriana ambiência de Durban, longínquo desterro.  
Recebe então do além-tempo a secreta Mensagem  
de cantar Portugal e os seus destinos.

---

## SANGUINHAL

Adolescente ainda, o meu prazer maior  
— aqui desembarcado nesta ilha altaneira de São Jorge —  
era trilhar caminhos ignorados  
e conhecer recônditos lugares.  
Mas nunca aconteceu descer a encosta abrupta  
e visitar-te, Sanguinhal,  
enquanto a vida serenamente circulava  
em teus caminhos remotos, quase bíblicos,  
entre vinhas e casas tão dispersas.

Agora, que dez anos são passados  
sobre o sismo tremendo, Sanguinhal,  
sismo destruidor dos bens e assustador das almas,  
já o teu nome, Sanguinhal, se ouve  
como uma voz de sombra  
subitamente despertada  
num silêncio antigo.  
Trago comigo o remorso de não ter ido ver-te,



como se fosses um parente velho  
cuja visita, por simples negligência,  
se foi, ano após ano, retardando  
e se deixou morrer.

Agora desembarco na deserta praia de calhau redondo  
e vejo estas ruínas dolorosas,  
estes telhados interminavelmente despejando as telhas,  
estas janelas consternadas, desmedidamente abertas  
como olhos de espanto.

Agora me comovo e quase choro,  
eu, um intruso nesta casa anónima,  
esta casa pequena de que nada sei  
e que tanto me deixa imaginar,  
nos percursos que vão do nascimento à morte,  
com demoradas passagens pelo amor.  
(Rejeito a malquerença. E muito mais o ódio.)

Este é o forno, agora escuro e frio,  
por certo a contragosto aposentado.  
Esta é a mesa de jantar, partida.  
Sobre ela, os pratos fundos, de cerâmica,  
cuja missão na terra terminou.  
Esta é a cama, exígua, do amor vigiado  
por um anjo-da-guarda entretanto fugido.  
Este é o berço pequenino, estreito,  
sem menino  
para embalar.

E ali está na parede musgosa o relógio parado.  
Não à hora do sismo. Ainda teve alento  
para um pouco mais.  
(Com que lágrimas na voz não terá ele  
chorado a solidão!)

Oh quem pudesse agora, Sanguinhal,  
gritar teu nome  
e assim ressuscitar-te!

## ILHA DO CORVO

Serenamente declinando, a tarde.  
Sentadas alguns velhos, lado a lado,  
no longo banco de pedra do largo do Outeiro,  
bem junto à Casa do Divino Espírito Santo.  
E eu, discreto forasteiro, começo por saudá-los,  
e com eles me decido a conviver um instante,  
porque é bom escutar o seu falar antigo.

Ilha pequena, por certo, - digo eu -,  
(de quatrocentas almas)  
porém não tão pequena  
que não pudesse ter um outro povoado  
algures, mais ao norte da costa oriental -  
E mais ainda, coisa estranha:  
Por que foram ali as casas construídas naquele extremo sul,  
todas tão abraçadas,  
mutuamente amparadas? -  
pergunto eu depois.

Modos de outrora, — me respondem.  
Dos piratas de Argel e outros mais,  
contra os quais era urgente defender  
as pessoas e os bens,  
em ligação fraterna e solidária.

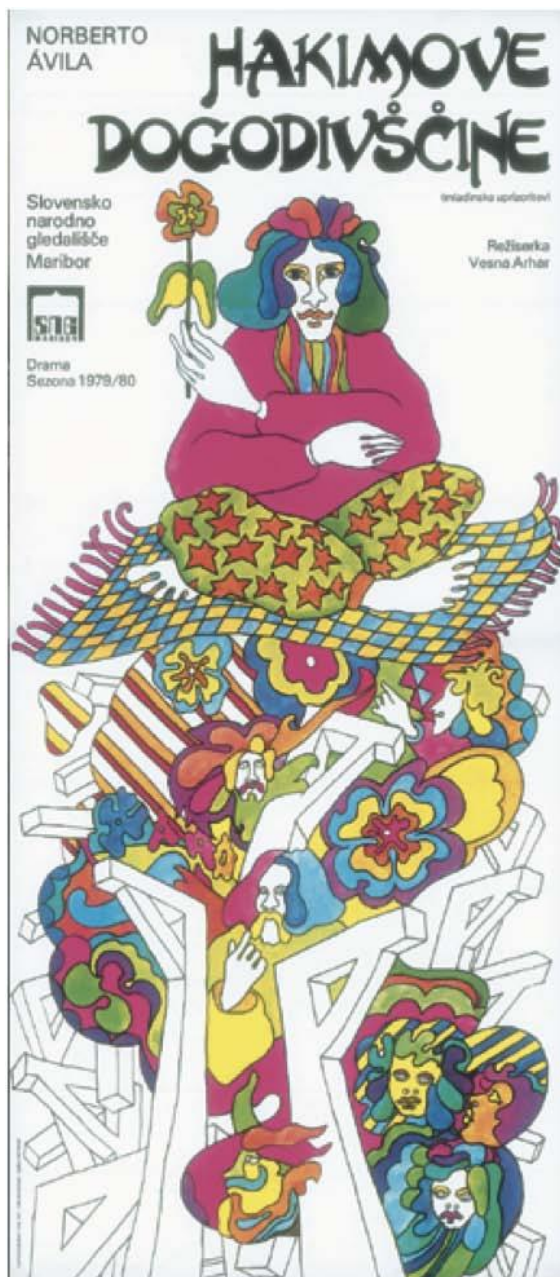
Mas falamos depois de valentias.  
Um corvino, por exemplo,  
foi intrépido, brioso marinheiro  
do veleiro “Alabama”,  
isto nos tempos difíceis de intenção divisória  
dessa tal Guerra Civil Americana.

E o céu, todo vermelho a ocidente,  
demonstra bem a direção do território imenso,  
pátria segunda de muitíssimos ilhéus  
e sólido país unificado

*Percorso de Poeta*, Lisboa, Edição de autor, 2000

Numa edição da  
Imprensa Nacional - Casa da Moeda







Norberto Ávila

# As Histórias de Hakim



Stadtheater Pforzheim

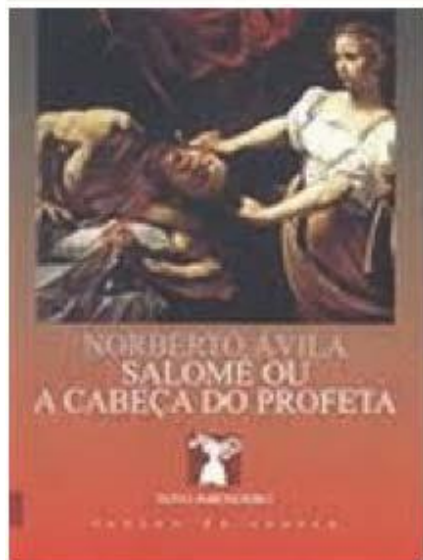
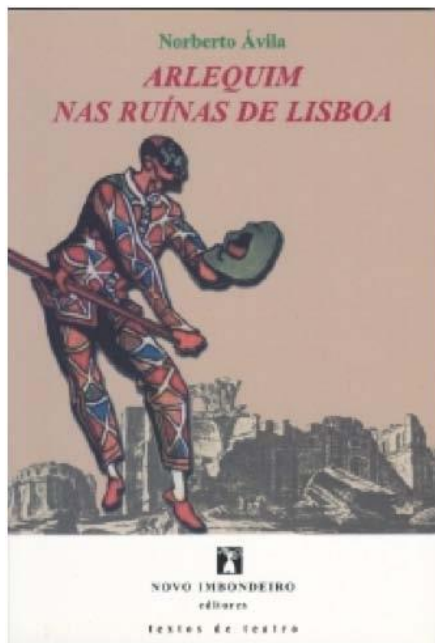
Kindertheater

## HAKIMS GESCHICHTEN

VON NORBERTO ÁVILA  
UND THOMAS BRASCH

ab 24. November 1976





극단「나루」제 3 회 공연

한국초연 포르투갈 작품

# 하킴의 이야기

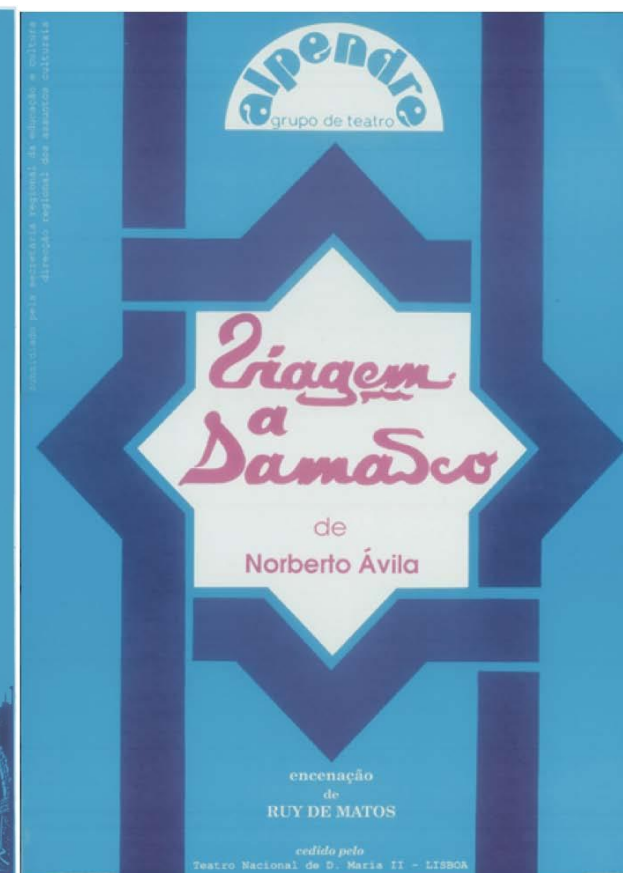
AS HISTORIAS DE HAKIM

출연 배우  
권경희 안치용  
강성무 소운

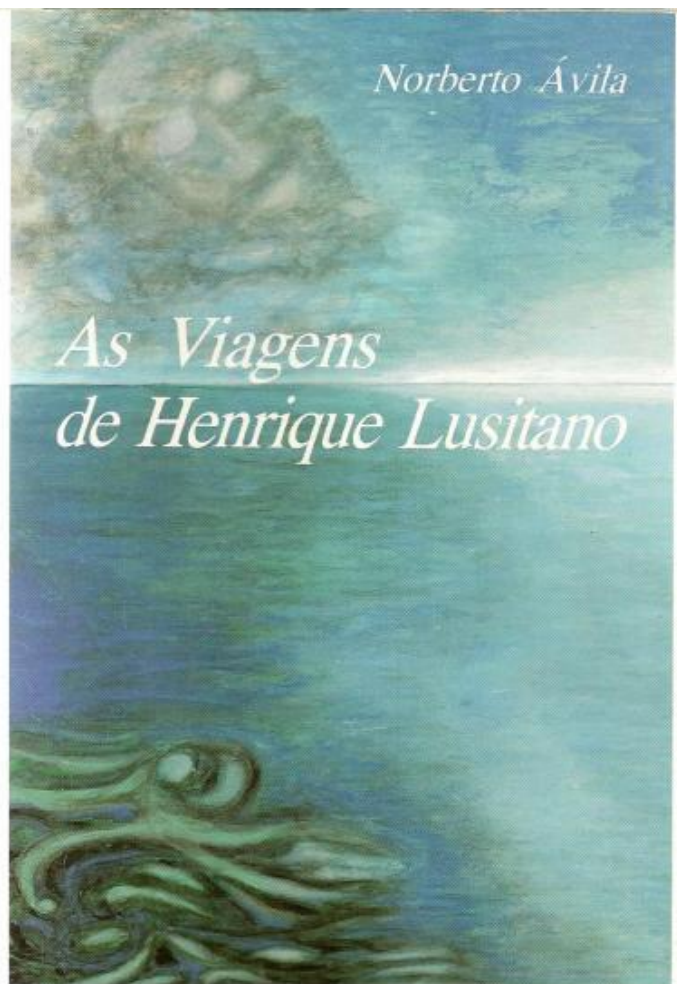
노르베르토 아빌라 · 작  
백 광 수 · 역  
조 만 호 · 연출

때 : 1989. 7. 1 (토) ~ 16 일 PM 4:30, 7:30  
(단 1 (토) ~ 7 (금) 까지 낮공연 없습니다)

곳 : 소극장 「공간사랑」 (TEL. 763-0771 비원열)  
후원 : 주한 포르투갈 대사관







  
SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

repertório da

SOCIEDADE  
PORTUGUESA  
DE AUTORES

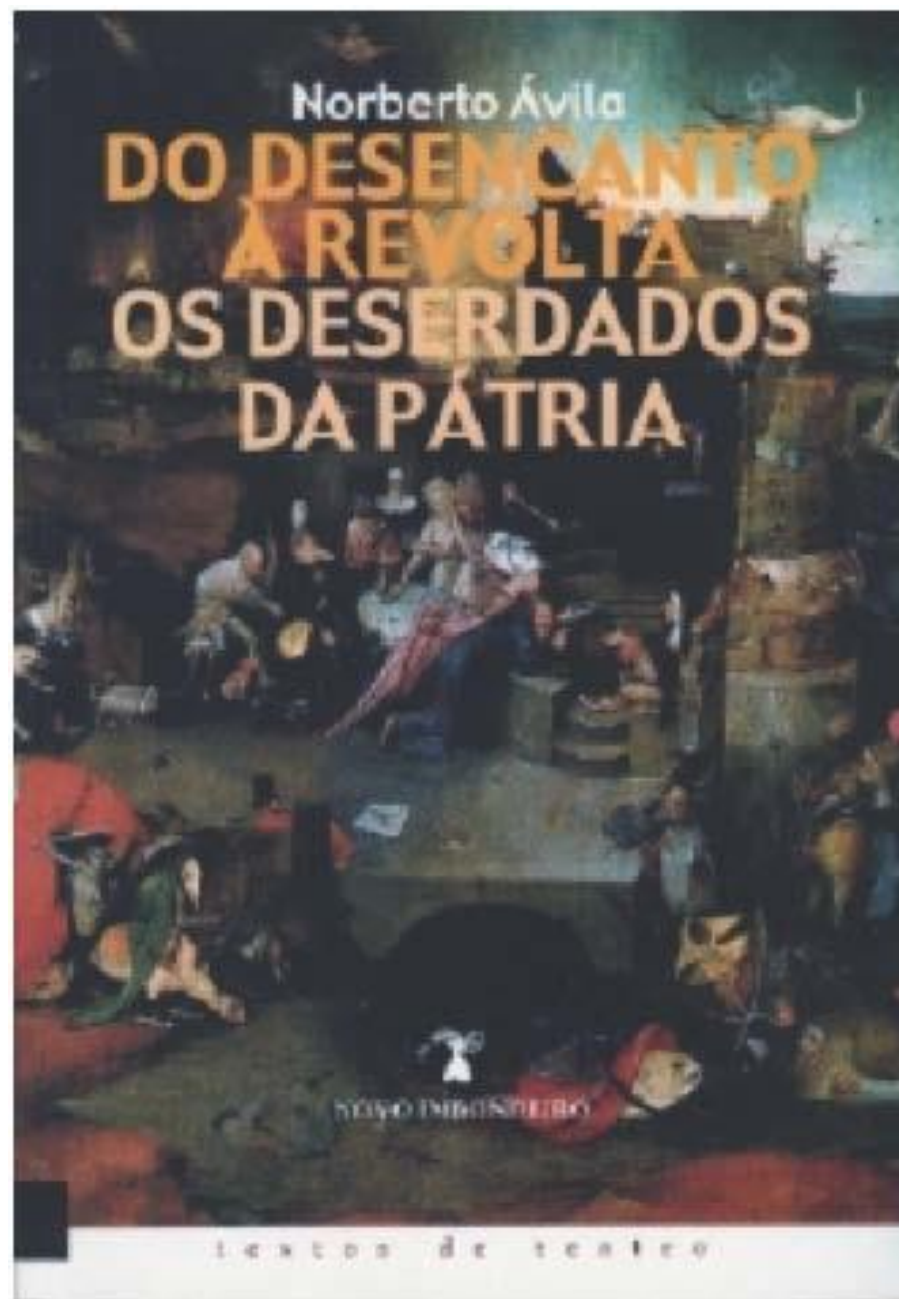
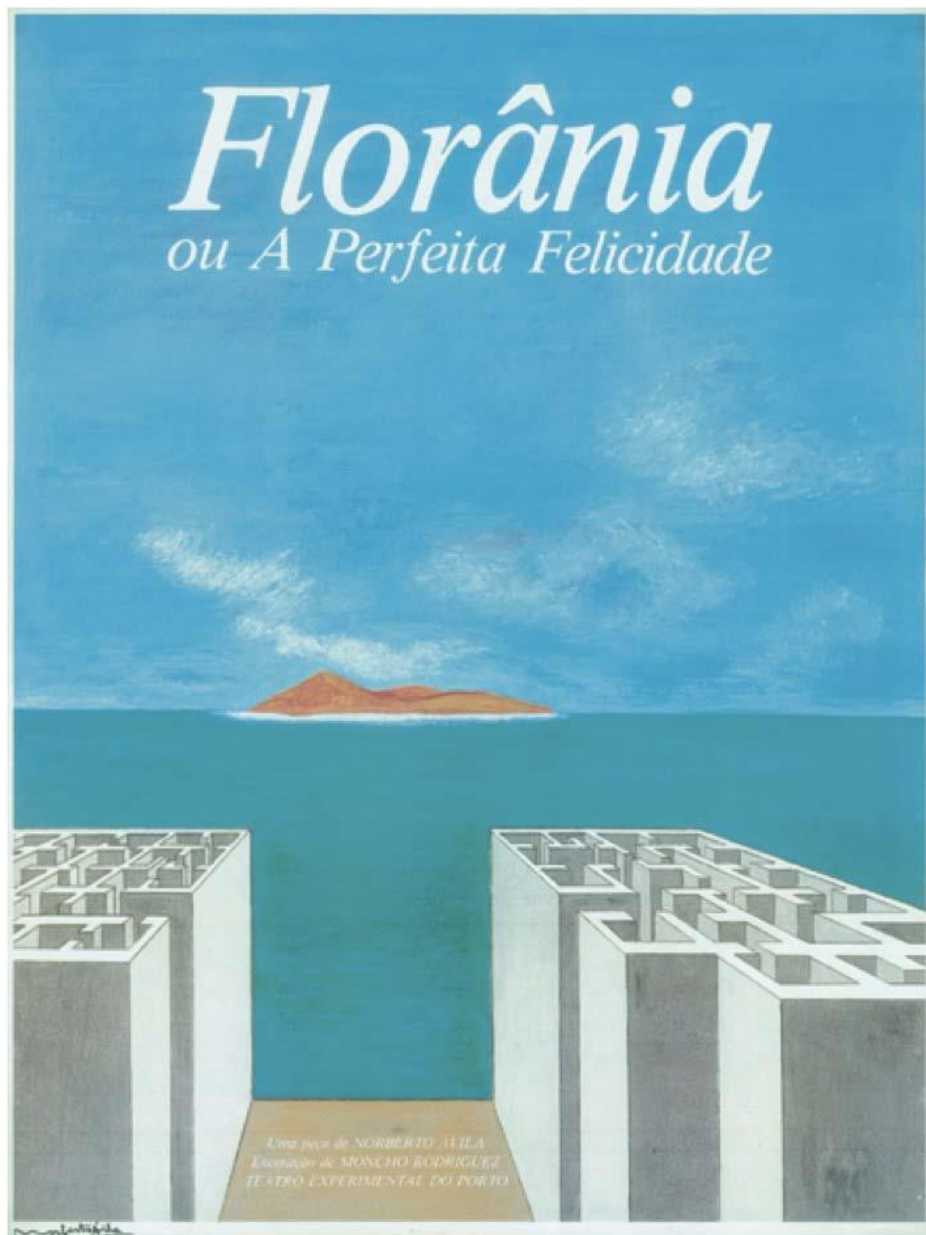


## AS CADEIRAS CELESTES

Norberto Ávila







Cena 9

De novo no acampamento militar de Anfitrião.

ANFITRIÃO— Como assim, grandíssimo, refinado, rematado estafermo?! Tens a coragem, a ousadia, o atrevimento de confessar que estiveste em Tebas, nos umbrais de minha casa, e não chegaste a falar com Alcmena, minha senhora, saudosíssima de minha pessoa?!

SÓSIA— Eu bem tento explicar. Mas vós não me dais trégua, e cada vez mais forte me lançais ao frontispício as mais furibundas palavras, em catarata, que quase me afundam. Eu bem pretendo agarrar-me aos destroços dos meus argumentos, mas vós pareceis apostado em matar-me! E de vez, ainda por cima!

ANFITRIÃO— Quem me dera!

SÓSIA— Pois sabeí que, perdendo o vosso escudeiro, perdeis o vosso braço direito!

ANFITRIÃO — Com tais membros ao meu serviço... antes ser maneta congénito! — Mas fala! Explica-te por uma vez!

SÓSIA — Pois como eu ia dizendo a Vossa Generalência, a noite rondava já a nossa casa quando ali cheguei. E, se era lusquifusque no jardim, lá dentro era mesmo noitinha. Transponho a soleira da porta e... que vejo eu?

ANFITRIÃO (*despaciente*) — O pirilau de Zeus!

SÓSIA — Arre, senhor, que pareceis obcecado pelo divino atributo! Esse há de ter mais que fazer e saberá escolher melhores companhias.

ANFITRIÃO — Mas... Alcmena? Fala-me de Alcmena.

SÓSIA— Senhor, mas eu ainda mal transpus a soleira da porta de minha casa... (Que toda ela é vossa, como se sabe.) O meu intento (ai de mim!) era atravessar os meus aposentos e procurar minha ama, na sua própria câmara. (*Chamando primeiro, já se vê.*)

ANFITRIÃO — E então, tartaruga tartamuda?

SÓSIA— Surge-me, naquela meia-tinta, Sósia, sem tirar nem pôr.

ANFITRIÃO — Mas que descoco! Afinal, estavas dentro ou estavas fora?!

SÓSIA— Eu, pelos vistos, já estava dentro quando cheguei. De fora. Melhor dizendo: Eu próprio, com ares de ferrabrás (faceta que aliás desconheço no meu temperamento), impedi a minha entrada em minha casa. (Que toda ela é vossa, naturalmente.) E, por mais que eu afirmasse que era Sósia, escudeiro de Anfitrião, o outro eu não parava de afirmar outro tanto. E com bons argumentos (ai de mim!), porque até alardeava conhecer os íntimos pormenores da minha vida, pelo que só me parecia ser mais eu do que eu mesmo.

ANFITRIÃO — Chiça e rechiça! Quem poderia engolir tais patranhas?! — E Alcmena?

SÓSIA— Pois não a vi, senhor. Porque logo me expulsei... me expulsou o outro Sósia. E mais: com umas valentes punhadas no toutiço e um enérgico pontapé no rabiosque (salvo seja!), que ainda me dói.

ANFITRIÃO — Quem me dera fosse verdade essa última parte da história!

SÓSIA— Porque não sabeis o que é um homem ser maltratado e escorraçado! E por si mesmo, ainda por cima!

ANFITRIÃO — Sósia, a minha paciência está exausta, exaurida, consumada!

SÓSIA — Que pena, senhor! E eu que não trago nenhuma no meu alforge, que vos possa emprestar!

ANFITRIÃO — Aproxima-te! (*Pausa.*) Ouviste? Aproxima-te!

SÓSIA — Ai, mãezinha, lá vou eu para o martírio! (*Amedrontado, aproxima-se do enfurecido general.*)

ANFITRIÃO (*depois de olhá-lo da cabeça aos pés*)— Que profunda repugnância me causa olhar para ti, escudeiro Sósia! (*Pausa.*) Não sei se valeria a pena... Se tivesses ainda alguma coisa que valesse a pena arrancar, extorquir, extirpar!

(*Instintivamente, Sósia cruza as mãos protetoras no baixo-ventre.*)

SÓSIA — Nada que valha a pena, Sr. General.

ANFITRIÃO — Desata a sandália do pé direito!

SÓSIA — Para quê? Está tão bem assim.

ANFITRIÃO — Obedece às minhas ordens e não me repliques!

(*Sósia pausa por terra o joelho esquerdo e executa.*)

SÓSIA — Pronto, senhor.

ANFITRIÃO — Descalça-a.

(Sósia obedece.)

ANFITRIÃO — Dá cá.

(Sósia ergue-se e entrega-lha.)

ANFITRIÃO — Irás assim para Tebas: Pé calçado, pé descalço. Uma despromoção! A despromoção que bem mereces! (*Súbito, numa fúria, procura destruir a sandália, o que não consegue.*)

SÓSIA — Isso é coiro do bom, senhor, coiro de Creta! Estou mesmo a ver a besta-fera que o forneceu: Um toiro de avantajados cornos e propenso a fúrias repentinas!

(*Anfitrião atira, energicamente, a sandália para um lado. E ambos a seguem com o olhar, em trajetória presumivelmente longa, até um plano muito inferior.*)

ANFITRIÃO — Pronto! Vai agora buscá-la ao fundo desse abismo! A tua rica sandália de coiro de minotauro!



23º COLÓQUIO DA LUSOFONIA FUNDÃO 2015

**ARLEQUIM NAS RUÍNAS DE LISBOA (1992) - ALGUM TEATRO, VOLUME IV, LISBOA, IMPRENSA NACIONAL – CASA DA MOEDA, 2009**

Cena 5

Foram removidos os escombros do muro e, naturalmente, o cadáver (o braço, melhor dizendo) de Cornélio Beringela. Isto, durante um breve intermédio musical: um irónico comentário de flauta indiana, neste caso atributo sonoro de Arlequim.

E agora, não pelo portão do quintal, mas pelo largo espaço que ficou aberto no muro, devido ao desmoronamento (símbolo de fronteira aberta e facilmente franqueável), entra Marília. Espreita para o interior da casa.

MARÍLIA — Arlequim!

LIBERTINA (*que passa um esfregão no tampo da mesa*) – Não está. Há de andar por aí, na venda das suas bugiarias de prosa e verso. (*Imita-lhe o pregão:*) “Juízo Infalível para o Ano de Mil Setecentos e Carqueja”! “O Caso do Homem que Matou a Sogra no Dia dos Santos Inocentes”! “Versos ao Terrível e Exemplar Terramoto que Destruiu a Soberana e Soberba Cidade de Lisboa”! “Juízo da Verdadeira Causa do Terramoto de 1755, pelo Padre Jesuíta Gabriel Malagrida”! Enfim... essa vida vagabunda que ele prefere!

MARÍLIA – Ah, mas que cabeça a minha! Ele bem me disse ontem à noite que o seu paradeiro hoje, durante todo o dia, seria o adro dos Jerónimos. Sendo assim, está muito longe! (*E, dissimuladamente, com uma das mãos, faz sinal para trás, ao disfarçado apaixonado, para que se aproxime.*)

(*Com efeito, acaba de entrar no quintal, seguindo-lhe os passos, o incorrigível Arlequim, travestido de freira de Odivelas. Trata-se de uma madre ligeiramente encorpada, cujo hábito se adorna de folhos e rendas, segundo a condescendência da época. A máscara arlequinesca. Idêntica na forma, é agora branca ou, pelo menos, bastante mais clara.*)

MARÍLIA – É que chegou agora ali, a minha casa, uma freira de Odivelas, perguntando por Arlequim. Melhor dizendo: perguntando por D. Libertina Vitalícia, que assim julgo ser o nome exato de Vossa Mercê.

LIBERTINA – Foi esse o nome que me puseram na pia.

MARÍLIA – E não piou, pelos vistos. Se fosse eu, teria desatado num berreiro infrene! Teria mijado o colo da madrinha e rachado de meio a meio a cabeça do padre cura!

(*No quintal, Arlequim funga de riso, mas logo se recompõe.*)

MARÍLIA – Ele, na verdade, há nomes que parecem predestinatórios e marcam bem uma conduta. Mas não é certamente em termos de conduta... menos ainda de conduta terminada em... *uta* que lhe vem falar a boa Irmã...

ARLEQUIM (*aflutando a voz, como o fará nas intervenções seguintes*) — ...Madre Maria Verónica dos Santos Sudários de Turim, Besançon, Carcassona e Xabregas.

(*Enxugando as mãos a um pano, Libertina vai ao encontro da pretensa freira, já no limiar da porta.*)

MARÍLIA – É de nobre sangue!

ARLEQUIM – O dos próprios Santos Sudários!

MARÍLIA – Que melhor sangue haverá?!

LIBERTINA – Madre Reverendíssima: sou vossa humilde servidora. Queira Vossa Maternidade dar-se ao incómodo de entrar nesta casinha.

ARLEQUIM – Deus a conserve de pé e mais ao seu ilustre proprietário, o senhor Arlequim, digo Alceu Beringela.

LIBERTINA – Bem, esse senhor não tem desta casa a propriedade exclusiva.

ARLEQUIM – Não?

LIBERTINA – Falecida a mãe desse rapaz, o malogrado pai – Cornélio Beringela – casou comigo à face da Santa Madre Igreja. Pelo que, como deve calcular, Reverenda Madre, ainda me acho com direito a um bom naco desta moradia.

MARÍLIA – Talvez àquele muro que se desmoronou no quintal.

LIBERTINA – Reduza-se à sua insignificante insignificância, Menina Marília de Coisa Nenhuma. *(Para a falsa freira.)* Mas queira Vossa Maternidade sentar-se nesse tamborete.

ARLEQUIM – Bem, já que não há melhor assento... *(Vai a sentar-se quando repara num prato de azevias sobre a mesa.)* Ai, meu Deus! Azevias! E eu que sou doida e perdida por azevias!

LIBERTINA – Pois sirva-se, Reverenda Madre.

ARLEQUIM *(servindo-se)* – Não fosse eu alentejana! Nada e criada em Cuba! Fidelíssima às minhas origens! *(Senta-se e vai saboreando o doce.)*

LIBERTINA – Não prefere Vossa Maternidade que falemos a sós?

ARLEQUIM – A sós? *(Estende o prato de azevias a Marília.)* – Coma, Menina Colombina.

MARÍLIA *(receando comprometedoras atrapalhões de Arlequim)* – Marília é o meu nome, Reverenda Madre. *(Serve-se.)*

ARLEQUIM – Coma e não faça cerimónia... já que tão gentilmente se prestou a fornecer-me tão preciosas informações...

LIBERTINA *(inquieta)* – Informações?

ARLEQUIM – ...e a acompanhar-me a casa de D. Libertina Vitalícia, aqui presente. *(E faz vénia.)*

LIBERTINA – Mas diga-me Vossa Reverência a que devo a honra desta visita.

ARLEQUIM – O caso é este... *(Fazendo render a conversa, de modo a intrigar a crédula Libertina.)* Deliciosas azevias! Há muito que as não como tão gostosas! Mas, retomando o fio à meada — conforme se diz tantas vezes em obras de tão ilustres autores, como Sócrates, Platão e Tolentino das Berças — o inefável terramoto do mês passado, com que Deus Nosso Senhor foi servido sacudir-nos, veio alterar profundamente o âmago da nossa sociedade lisboeta e perifericamente circundante. Ponto, para pausa e azevia. — Não ignora Vossa Mercê que, logo nos dias subsequentes e consuetudinários, se desencadeou nesta cidade uma onda de comportamento criminoso, mormente no que respeita a assaltos, roubos, saques e pilhagens.

LIBERTINA – Sim, Reverenda Madre. Chegaram-me quaisquer zunzuns...

*(Nisto, abre-se, rangente, uma meia-porta do guarda-fato em que estão suspensas as casacas e outras peças de roupa ingloriamente arrebanhadas pelo defunto marido. A pretensa freira sobressalta ligeiramente. Marília solta uma gargalhada. Libertina apressa-se a fechar o guarda-fato impertinente.)*

MARÍLIA – Quem diz que não sobrevive nas roupas o espírito daqueles que as possuíram?

LIBERTINA *(para Marília, muito abespinhada)* – Heresias e blasfémias? Em minha casa, não! – Mas continue Vossa Maternidade o seu precioso discernimento.

ARLEQUIM – Os que foram apanhados em flagrante delito de roubo e profanação de cadáveres... tiveram logo o merecido castigo.

LIBERTINA – E muito bem. (Deus lhes dê a salvação.)

ARLEQUIM – Enforcados, no alto dessas colinas de Lisboa.

MARÍLIA – Duzentos, segundo se diz.

ARLEQUIM – Isso. Estamos coincidentes nesse número. — E o nosso Rei D. José I, que até há pouco só se preocupava com a caça, a tourada e a ópera...

MARÍLIA – E alguns amores de recurso ilegítimo. Em casa dos Távoras, por exemplo.

LIBERTINA – Ah!

MARÍLIA – Refiro-me à consabida paixão por D. Teresa, a Marquesa nova...

ARLEQUIM – De modo que — dizia eu — o nosso Real Senhor só pensa agora em confessar-se e fazer penitência. E toda a Corte se regozija por ter sido poupada. Dizem então os padres jesuítas que esta cólera divina se desencadeou devido ao nefando pecado do Ministro Carvalho e Melo.

LIBERTINA *(curiosíssima)* – Que pecado? Que pecado?

ARLEQUIM – O de injuriar a Companhia de Jesus, com a qual antipatiza visceralmente. Ora, Carvalho e Melo é que segura neste momento, com mãos férreas, as rédeas da governação.

LIBERTINA – E isso é bom?

ARLEQUIM – Vamos a ver. Para já — isto sei eu de visitantes muito bem informados — Carvalho e Melo mostra-se deveras apostado em virar Lisboa do avesso.

LIBERTINA – Mais do que ela está?

ARLEQUIM – No bom sentido. *(Levanta-se.)* Eu explico: vai aproveitar a ocasião para perseguir, e expulsar para vinte léguas de distância, as prostitutas, as concubinas, as proxenetas, as cartomantes, as prostitutas, as adivinhadeiras, as vendedeiras de filtros amorosos, as pregoeiras de profecias, as prostitutas... Mas, afinal, não sei por que estou a referir estas minudências, quando é bem diferente o objetivo que me trouxe aqui, D. Libertina Vitalícia.

LIBERTINA *(com um suspiro de alívio)* – Ah! Queira voltar a página, portanto.

*(Arlequim, depois de humedecer nos lábios o dedo indicador, mima voltar a página.)*

ARLEQUIM – É que, paralelamente, chegou aos nossos ouvidos, lá no glorioso Convento de Odivelas, a fama da sua vida exemplar, das suas muitas virtudes...

LIBERTINA – Será possível?

ARLEQUIM – Ora acontece que, apesar das muitas candidaturas recebidas, de senhoras e donzelas que pretendem refugiar-se no conforto (moral e material) da nossa



casa... temos uma cela, digo melhor: um amplo e lindíssimo aposento... vago, inteiramente disponível.

MARÍLIA – Com a falta de alojamento que todos sabemos haver...

ARLEQUIM – Ora, isto foi uma inspiração divina: manter desocupado o referido aposento. Que aliás é um dos mais belos que possuímos. Ligeiramente superior, só o que fica mesmo em frente, o da Madre Paula.

MARÍLIA (*metediza*) – Essa Madre Paula é a que foi amante do falecido Rei D. João V?

ARLEQUIM – E não só. Antes dele, de muitos outros nobres fidalgos, que precisamente se viram obrigados a ceder o lugar a Sua Majestade. Ai, foi realmente um privilégio para o nosso convento: receber, desde há tantos anos, tão ilustres personagens! A Madre Paula (“a nossa Madame Pompadour”, como nós lhe chamamos) vai certamente apreciar a sua vizinhança, minha boa amiga.

LIBERTINA – Mas... não me diga Vossa Reverência que...

ARLEQUIM – Digo, digo. O aposento é seu e de mais ninguém.

LIBERTINA (*juntando as mãos*) – Não caibo em mim de contente!

ARLEQUIM – Andei por aí a informar-me a respeito de Vossa Mercê...

LIBERTINA – Ai!

ARLEQUIM – ...e agora mesmo venho da igreja de Santa Maria Madalena a Pecadora. Tanto o reverendo padre cura como o respetivo sacristão...

LIBERTINA – Virginal...

ARLEQUIM – Isso não sei... Mas ambos me falaram, comovidos, da muita piedade de Vossa Mercê. Da muita licenciosidade e lubricidade. Numa palavra: da sua muita generosidade.

LIBERTINA – Bem, eu dou para lá umas esmolas, ao sábado, produto de algum trabalho meu. Trabalho doméstico, evidentemente.

ARLEQUIM – Muito meritório, minha filha. Muito meritório.

MARÍLIA – O trabalho ou a esmola?

(*Libertina lança-lhe um olhar furibundo.*)

MARÍLIA – Eu sou testemunha. Da casa desta vizinha tenho eu visto sair muitos clientes, todos eles com cara de imensamente satisfeitos... com o trabalho.

ARLEQUIM (*vendo-a servir-se de mais uma azevia*) – Não faça cerimónia. Tire todas, tire todas; que esta senhora não vai ter falta de doces no nosso abastado Convento de Odivelas. (*Escancarando-lhe o bolso do vestido, lança-lhe para dentro as restantes azevias.*)

MARÍLIA – Muito lhe agradeço, Reverenda Madre.

ARLEQUIM – Mas não me olhe assim, D. Vitalina Libertícia, com esses olhinhos de vaca charolesa. Na verdade, as suas delicadas mandíbulas conhecerão as delícias da nossa confeitaria monástica. A saber: (*e vai contando pelos dedos*) Suspiros, esquecidos, raivas, tabefes, fartéus, torrões rosados de açúcar, doces de abóbora e de cidra...

MARÍLIA – Não esquecendo a famosa marmelada, em que vós todas, freiras de Odivelas, sois verdadeiramente inexcusáveis...

ARLEQUIM – Assim é, com efeito. (*Para Libertina.*) Que gentil e maravilhosa criatura! Não acha Vossa Mercê? E que pena tenho eu de privá-la do salutar convívio desta sua vizinha. Mas os desígnios de Deus... Não é verdade?

LIBERTINA – Vou começar a preparar-me, se Vossa Reverência me permite.

ARLEQUIM – Sim. Mas, de qualquer modo, ser-me-á impossível esperar por Vossa Mercê. É que tenho de ir... apresentar os meus respeitos ao Cardeal Patriarca (com quem jantarei um estufado de faisão, ao que parece) e só depois ele fará a gentileza de ir levar-me a Odivelas, no seu coche dourado.

MARÍLIA – Que felizmente escapou ao terramoto.

(*Entretanto, Libertina Vitalícia foi buscar uma toalha, que estendeu sobre a mesa, em que lança alguns objetos e joias, na intenção de fazer a trouxa de viagem*)

ARLEQUIM – Mas que pretende levar Vossa Mercê? Essas bugigangas? Deixe tudo isso. Joias? Para quê? Não lhe faltarão presentes desse teor, da parte de muitos galantes apaixonados. Já esta noite, talvez, que é dia de sarau, com versos, músicas e danças.

LIBERTINA – Então, e eu apresentar-me-ei assim, sem objetos pessoais, e ainda por cima desprovida de dote?...

ARLEQUIM – Mas que raça de dote desejaria levar?

LIBERTINA – Metade desta casa, que é o que me cabe.

ARLEQUIM – Que disparate! Não há facalhão que sirva para parti-la ao meio.

MARÍLIA – E esquece Vossa Reverência as tendências da nova legislação de Carvalho e Melo? Segundo a qual...

ARLEQUIM – ...segundo a qual, havendo filho legítimo — neste caso, Alceu Arlequim — nunca a viúva de um segundo matrimónio...

LIBERTINA – Como assim? Viúva de um segundo matrimónio? Eu só casei uma vez.

ARLEQUIM – Refiro-me ao segundo matrimónio de Cornélio Beringela (que Deus tenha em bom lugar) precisamente com Vossa Mercê. Dizia eu que, neste caso, nunca a viúva de um segundo matrimónio terá direito a herdar seja o que for. Ora, deixe nesta casa o que a esta casa pertence. (*Cobre as joias e os outros objetos com a ponta da toalha.*)

LIBERTINA – E a que horas deverei apresentar-me no Convento, Reverenda Madre?

ARLEQUIM – Entre cão e lobo. Por outras palavras: ao lusco-fusco. Lá aguardaremos Vossa Mercê, com todas as honras. O seu aposento está preparado. Tudo madeiras do Brasil, espelhos de Veneza, veludos, sedas, flores, que sei eu? Do que mais vai gostar — tenho a certeza — é de um engenhoso relógio de pêndulo, francês, que a todas as horas lhe tocará o minuete.

LIBERTINA – Ai, que toda eu tremo e anseio por essa música!

ARLEQUIM – Mas refreie o seu entusiasmo e prepare-se para escrever umas palavrinhas de despedida, muito gentis, que há de deixar ao dono da casa, seu enteado.

LIBERTINA – Para dizer a verdade, não sou pessoa de grandes luzes em matéria de leitura; menos ainda... de escrita.

ARLEQUIM – Ora sente-se lá à mesa, que a boa Marília lhe ditará o que deve escrever.

MARÍLIA *(dispondo-se a isso)* – Da melhor vontade.

LIBERTINA – Prefiro que seja Vossa Reverência a prestar-me essa ajuda. *(Senta-se à mesa.)*

*(Arlequim, que naturalmente conhece os cantos à casa, vai para abrir uma gaveta. Apercebendo-se do deslize, que o poderá denunciar, suspende o ato.)*

ARLEQUIM – E os apetrechos da escrita, minha boa amiga?

LIBERTINA – Aí, precisamente, nessa gaveta.

ARLEQUIM – Curioso. É bem verdade que me cheirou a papel e tinta. *(Abre a gaveta, da qual tira papel, tinteiro e pena de pato, que põe à frente de Libertina Vitalícia. Molha a pena no tinteiro e entrega-a à desajeitada escrevente.)*

LIBERTINA – Há de ser em prosa ou verso?

ARLEQUIM – Em prosa, que é mais natural.

MARÍLIA – E mais rapidinho. *(Tira do bolso uma azevia, que oferece à pretensa freira, e logo outra, que vai saboreando.)*

ARLEQUIM *(alternando o ditado com delicias dentadinhas na azevia)* – “Senhor Alceu Arlequim”. — É esse o nome, não é?

MARÍLIA – Alceu é nome de batismo, creio eu. Arlequim... é acrescento italiano, segundo parece.

ARLEQUIM – Portanto: “Senhor Alceu Arlequim...”

LIBERTINA – Eu nunca o tratei por senhor...

ARLEQUIM – Pois passará a dar-lhe esse tratamento, que assim mandam as regras da boa educação. — Senhor Alceu Arlequim, Excelência.”

*(E, suando as estopinhas com o esforço intelectual, Libertina Vitalícia vai escrevendo a carta. Por vezes descai-lhe a língua da boca, como é próprio de tais pessoas em tais circunstâncias.)*

ARLEQUIM – “Aproveitando a suprema graça que me é concedida pelo Céu e pelo sacrossanto Convento de Odivelas, por intercessão da Venerável Madre Maria Verónica dos Santos Sudários...”

MARÍLIA – ...de Turim, Besançon, Carcassona e Xabregas...”

ARLEQUIM – ...refugio-me jubilosamente na vida religiosa. — Declaro renunciar aos meus direitos sobre esta casa...”

MARÍLIA – Se me permite, Reverenda Madre...

*(A falsa freira olha-a com ar maternalista.)*

MARÍLIA – Dizer-se que se renuncia a quaisquer direitos... isso é admitir que esses direitos existiram, de facto. O que não é verdade.

ARLEQUIM – Tem muita razão. Cada vez mais gosto de ti, Colombina. Digo: de si, menina Marília. — Escreva, portanto: — “Declaro não possuir quaisquer direitos sobre

esta casa — que toda ela é exclusiva propriedade de Vossa Excelência. — Deus guarde a Vossa Excelência o melhor que puder — etc. e tal — Lisboa, não sei quantos de dezembro de 1755.”

LIBERTINA *(exausta com o esforço despendido)* – “...não sei quantos de dezembro de 1755.”

*(A este passo, estando a falsa freira em primeiro plano, voltada para a escrevente e de costas para os espetadores, puxa uns cordéis que lhe levantam acentuadamente a parte de trás do hábito, deixando ver, nas pernas, o colorido fato do verdadeiro Arlequim.)*

*Muito a custo, Marília sustém um inoportuno ataque de riso.*

*Escuro.)*

[...]





21º COLÓQUIO 2014 MOINHOS DE PORTO FORMOSO



21º COLÓQUIO 2014 MOINHOS DE PORTO FORMOSO





21º COLÓQUIO 2014 MOINHOS DE PORTO FORMOSO



21º COLÓQUIO 2014 MOINHOS DE PORTO FORMOSO



22º COLÓQUIO DA LUSOFONIA SEIA 2014



# CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

## REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

**CADERNO Nº 16 - edição setembro 2012**  
**DEDICADO A NORBERTO ÁVILA**  
Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>  
Editor AICL-Colóquios da Lusofonia  
HELENA Chrystello EDITOU ESTE NÚMERO)  
Coordenação Chrys e Helena Chrystello  
**CONVENÇÃO:** O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)

Editado por  
**COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**  
(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA - **revisto janeiro de 22**  
**Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115**